

# As Ilhas Trobriand, a antropologia e os Dimdim: algumas considerações sobre etnografia, turismo e reflexividade em “lugares sagrados”

DOI  
<http://dx.doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2017.132077>

Fabiano Gontijo

🏠 *Universidade Federal do Pará | Belém, PA, Brasil*

✉ *fgontijo@hotmail.com*

---

## RESUMO

Os textos publicados pelos antropólogos – livros, artigos, diários – e as interpretações sobre essa produção criaram o que Annette B. Weiner chama de “lugares sagrados” da antropologia, como as Ilhas Trobriand. No entanto, pouco se escreveu sobre como os povos continuam suas vidas após a pesquisa de campo antropológica ou sobre o que pensam os povos sobre o trabalho de campo realizado em seu território, tornando esse lugar “sagrado”. Este artigo traz algumas reflexões sobre a relação entre o fazer antropológico, turismo e reflexividade elaboradas após uma visita realizada às Ilhas Trobriand em 2013.

---

## PALAVRAS-CHAVE

Antropologia,  
turismo,  
reflexividade,  
lugares sagrados,  
Ilhas Trobriand.

## OS “LUGARES SAGRADOS” DA ANTROPOLOGIA<sup>1</sup>

As Ilhas Trobriand parecem se associar, numa espécie de imaginário coletivo antropológico, a um desses “lugares sagrados”, como definido por Weiner (1988), que adquiriu o reconhecimento da comunidade científica mundial a partir do trabalho de campo seminal realizado por Malinowski na década de 1910. No momento da divulgação da experiência inovadora de Malinowski, a antropologia ainda estava em vias de se estabelecer como campo disciplinar formal e pleno, muito marcada pelos princípios problemáticos do evolucionismo cultural e do darwinismo social. Ao longo do século XX, a disciplina firmar-se-ia com os relatos vigorosos (descrições e análises pontuadas de rigorosos exercícios de relativização) oriundos das experiências dos antropólogos junto a povos remotos, ermos e distantes que ajudariam a combater e a rechaçar de vez os tais princípios problemáticos dos primórdios da formação da disciplina. Assim, muitas “mecas”, “jerusaléns”, “varanasis”, “teotihuacâns” e “borobodurs” iam despontar na literatura antropológica como “lugares sagrados”, tais como Samoa, Bali, Birmânia, Tikopia, Marrocos, Sudão, Nova Guiné... ou as Ilhas Trobriand. Instalava-se aí a tensão entre o “estar lá” e o “estar aqui” (Geertz, 2002), por um lado, e, por outro, entre o “particular” e o “universal” (Sahlins, 1997a; Sahlins, 1997b; Geertz, 2001), tão típicas (talvez) do fazer antropológico.

Desde o início da minha formação em antropologia, no início da década de 1990, obstinei-me com a ideia de que, para compreender satisfatoriamente as obras que tanto marcaram a formação da disciplina – e, logo, para conhecer a disciplina –, era preciso ir aos “lugares sagrados” da disciplina por se tratarem de lugares consagrados pela disciplina. Desde a leitura de *Writing Culture* (Clifford e Marcus, 1986) e de parte das discussões que se seguiram à sua publicação – mas também daquelas que deram origem aos desconfortos que levaram à realização do Seminário de Santa Fé – sobre a maneira aparentemente arrogante como os antropólogos vinham “inventando criativamente” (Wagner, 2010) as culturas dos outros, venho tentando problematizar esses processos de sacralização ou consagração que pontuaram a história do pensamento antropológico. Não venho tentando fazê-lo, no entanto, com alguma proposta teórica ou metodológica inovadora ou mesmo com alguma forma epistemológica original. Meu processo vem sendo de feitiço turístico – viajando, fotografando, filmando – e, portanto, visitando por pouco tempo esses lugares tornados (con)sagrados a partir dos contatos dos antropólogos com “seus” povos.

Tenho sido um antropólogo que arruma tempo para fazer turismo nas horas vagas, sempre (de preferência, por acaso) bem longe do meu próprio campo de pesquisa. Ou um turista que, quando viaja, não consegue deixar de ser antropólogo (inclusive, procurando ler o que os antropólogos escreveram sobre os luga-

**1** Agradeço especialmente a Renata de Godoy, Pós-Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA), e a Igor Erick da Silva, Graduando do Programa de Antropologia e Arqueologia (PAA) da Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA) pela leitura da primeira versão e muitas importantes dicas, principalmente nas áreas de antropologia do turismo e arqueologias pública e colaborativa (Renata de Godoy) e antropologia colaborativa (Igor Erick da Silva). Agradeço ainda ao CNPq, pela bolsa de Produtividade em Pesquisa.

res a serem visitados). Como turista antropólogo e antropólogo turista, busco, com as viagens, estabelecer relações com as pessoas com as quais lido nos mais diversos lugares visitados, muitas vezes pessoas que compõem os povos “dos” antropólogos. Não defino as relações entre visitantes e visitados como alguns colegas sociólogos o fazem, como um encontro “(...) essencialmente transitório, não-repetido e assimétrico (...)” durante o qual os participantes “(...) estão orientados para a busca de gratificação imediata em lugar de manter uma relação continuada”<sup>2</sup> (Cohen, 1984: 379). A afirmação de Barretto de que “(...) os habitantes dos lugares turísticos que se beneficiam economicamente com a presença dos turistas não estão precisamente interessados em receber os turistas (...) mas em receber o dinheiro trazido por eles” (Barretto, 2004, p. 174) levam-me a considerar que minha formação antropológica poderia me dar subsídios para uma relação com os habitantes desses lugares que leve em consideração os aspectos econômicos eventualmente envolvidos na relação, mas também e sobretudo, para além deles. É uma reflexão sobre essa experiência (de turista que *também* é antropólogo e antropólogo que *também* é turista) que trago aqui<sup>3</sup>.

Com a experiência de antropólogo que faz turismo e turista que é antropólogo, acabei me dando conta de algo instigante: após a produção dos seus relatos etnográficos, sejam eles “clássicos”, “multivocais” ou “multissituados” (Clifford e Marcus, 1986; Marcus, 1995), poucos ou raros são os pesquisadores que voltam aos seus campos para uma nova pesquisa que vise *especificamente* a produzir um relato (realmente polifônico) sobre a maneira como os sujeitos junto aos quais pesquisaram perceberam a pesquisa e suas consequências<sup>4</sup>. A viagem que empreendi às Ilhas Trobriand no início de 2013 tinha como objetivos, por um lado, *na condição de turista*, conhecer a região sudeste de Papua Nova Guiné, com seus sítios arqueológicos históricos e pré-coloniais pouco visitados e seus atóis coralíneos perfeitos para bons mergulhos; e, por outro lado, *na condição de antropólogo* que nunca sai totalmente de férias, mesmo quando faz turismo, conversar com as pessoas para ouvir o que elas tinham a dizer sobre os trabalhos que os antropólogos (con)sagrados haviam realizado (ou ainda vinham realizando) por lá, tornando a região um desses “lugares sagrados” da disciplina.

A partir dessas conversas com alguns trobriandeses, eu poderia refletir sobre a relação entre (i) os textos produzidos pelos antropólogos “sagrando” o lugar – tanto o texto etnográfico publicado, quanto o diário de campo tornado público –, (ii) o que as pessoas do “lugar sagrado” (moradores e outros visitantes) dizem (em inglês, não em língua nativa) para um outro antropólogo (brasileiro, eu) sobre aqueles antropólogos (ingleses, norte-americanos e outros, os “clássicos”) que passaram por lá e (iii) as imagens que se produziram sobre si, sobre os antropólogos e sobre mim nessa interação estabelecida sobre bases turísticas no “lugar sagrado”. Seria isso uma espécie informal de antropologia reflexiva? Ou

**2** Nossa tradução do inglês: “(...) essentially transitory, nonrepetitive and asymmetrical (...)” e “(...) are oriented toward achieving immediate gratification rather than toward maintaining a continuous relationship”.

**3** A máxima que norteia minha experiência antropológica do turismo é a de que “(...) o comércio turístico não precisa ser prejudicial para a cultura [local]” (Smith: 12). Nossa tradução do inglês: “(...) the tourist trade does not have to be culturally damaging.” Não há excepcionalidade em minha experiência de turista antropólogo ou antropólogo turista, já que muitos já trataram do assunto em outros contextos (veja-se a coletânea organizada por V. Smith, publicada em 1989) ou da relação que a antropologia tem com as viagens e do diário de viagem como recurso metodológico (Clifford, 1997).

**4** O “retorno” ao campo, para além de uma discussão sobre a reflexividade do trabalho de campo (Castañeda, 2008), viabilizaria, assim, uma abertura para a possibilidade de uma perspectiva colaborativa em antropologia, como veremos mais adiante.

uma espécie embrionária (e ainda impressionista?) de reflexão sobre a “portée” do que poderá vir a ser uma antropologia colaborativa<sup>5</sup>, para tomar emprestado o conceito de nossos colegas arqueólogos que falam tão justamente da necessidade de inserir os sujeitos que vivem nas regiões onde se encontram os sítios arqueológicos no processo de produção da pesquisa através daquilo que seria uma arqueologia colaborativa ou *community archaeology* (Tully, 2007; Silva, Bsepalez e Stuchi, 2011)? Estamos muito distantes daquela definição da relação entre visitados e visitantes citada acima, elaborada por alguns sociólogos (Cohen, 1984; Barretto, 2004).

O retrato que se segue, em forma de um singelo relato ilustrado, é fruto de minha experiência como turista e antropólogo nas Ilhas Trobriand, acompanhado de algumas reflexões em forma de questionamentos sobre o fazer antropológico (em situação de turismo e fora dela). Antes da viagem, que teve início na Austrália, fiz algumas leituras sobre a região – para além de uma revisão da obra de Malinowski – que me guiaram *enquanto turista* e direcionaram meu olhar *enquanto antropólogo* – ou direcionaram meu olhar enquanto turista e me guiaram enquanto antropólogo. Iniciarei com uma apresentação geográfica e histórica do “lugar sagrado”. Depois, abordarei sucintamente o legado dos antropólogos que escreveram sobre esses “nativos das ilhas e arquipélagos” (Malinowski, 1976: 21) para resumir as imagens representacionais e concepções que eles produziram, criando então esse “lugar sagrado”. Enfim, minhas próprias impressões (expressões) como turista antropólogo fecharão esse texto, ao abrir espaço para uma reflexão sobre os processos de sacração dos lugares “antropologizados” e, por conseguinte, do próprio fazer antropológico. Tudo isso, com algumas fotos ilustrativas da viagem, todas de minha autoria.

## RITOS DE SAGRAÇÃO

Atualmente, o arquipélago de Trobriand, composto por 22 ilhas coralíneas extremamente planas situadas entre o Mar de Coral e o Mar de Salomão, no Oceano Pacífico, faz parte do território da Província de Milne Bay, na República de Papua Nova Guiné. Juntamente com outros arquipélagos (d’Entrecasteaux, Louisade e Marshall Bennett) e a parte mais oriental da Ilha da Nova Guiné, o arquipélago de Trobriand forma o território chamado na literatura antropológica de Massim (Seligam, 1910). A população, cerca de menos de 30 mil pessoas no início da década de 2000<sup>6</sup>, vive em mais de 60 aldeias ou vilas espalhadas em seus 450 km<sup>2</sup>, principalmente pela ilha principal, Kiriwina ou Boyowa<sup>7</sup> (Lepani, 2001), falando mais de dez línguas do grupo austronésio, dentre as quais o Kilivila é a mais expressiva (Senft, 1986; Weiner, 1988)<sup>8</sup>.

No século XIX, o arquipélago que engloba a Ilha da Nova Guiné foi dividi-

**5** Nos Estados Unidos, pesquisadores vêm problematizando e sistematizando, desde 2008, a ideia de antropologia colaborativa através das publicações do periódico *Collaborative Anthropologies* – todos os números estão disponíveis para download no link a seguir: [http://muse.jhu.edu/journals/collaborative\\_anthropologies/](http://muse.jhu.edu/journals/collaborative_anthropologies/) A influência dos estudos pós-coloniais, sobretudo os latino-americanos, na proposta da *collaborative anthropology* é evidente.

**6** Infelizmente, as informações disponíveis no site oficial do órgão papuásio de produção de estatísticas e indicadores sociais, National Statistical Office of Papua New Guinea, [http://www.spc.int/prism/country/pg/stats/About\\_NSO/about.htm](http://www.spc.int/prism/country/pg/stats/About_NSO/about.htm), estão desatualizadas e, durante nossa visita a Port Moresby, a capital do país, não obtivemos êxito para conseguir dados mais atualizados. Meus interlocutores da Ilha de Kiriwina falam de 40 mil habitantes vivendo atualmente nas Ilhas Trobriand ou talvez exclusivamente na Ilha de Kiriwina.

**7** A Ilha de Kiriwina, a principal do Arquipélago das Trobriand, mede cerca de 40 km de comprimento e entre três e 13 km de largura (Weiner, 1988).

**8** O Kilivila é uma das cerca de 500 línguas que compõem o grupo austronésio, comum na Polinésia, Micronésia, Indonésia e grande parte da costa neoguineana e ilhas melanésias, segundo Senft (1986).

do em três: o lado ocidental seria dominado por holandeses e o lado oriental subdividido em uma parte setentrional sob o domínio dos alemães e uma parte meridional sob o domínio dos ingleses. Em 1906, a parte britânica passou ao domínio da Austrália, que havia adquirido a independência fazia apenas alguns poucos anos. Durante as Guerras Mundiais, o arquipélago – sobretudo a porção sudeste, Milne Bay – foi palco de disputas sangrentas e a parte alemã acabou passando também ao domínio australiano, depois de ter sido dominada por alguns momentos pelo Japão. Enfim, em 1975 foi criada a República de Papua Nova Guiné (PNG), membro da Comunidade Britânica, englobando a lado oriental do arquipélago – enquanto o lado ocidental, conhecido como Irian Jaya, encontra-se até os dias de hoje sob o domínio da Indonésia (Campbell, 1984; Knauft, 1999; Waico, 2003).

Embora o arquipélago da Nova Guiné seja habitado há pelo menos 60 mil anos, as evidências arqueológicas (em particular, alguns depósitos de cerâmicas) encontradas na região de Massim remontam a história da ocupação da área a 2 mil anos e a ocupação de Kiriwina, a ilha principal do arquipélago de Trobriand, a 900 anos (Bickler, 1998; Burenhult, 2002). O sistema de trocas celebrizado pelas plumas de Malinowski, o *kula*, teria surgido por volta de 500 anos atrás (Egloff, 1978). No final do século XVIII, já no contexto de “invenção” da modernidade (ou da expansão do colonialismo, do eurocentrismo e do globocentrismo – Dussel, 2005), o navegante francês Antoine Bruni d’Entrecasteaux, de passagem pela região em expedição à Austrália, nomeou o conjunto de ilhas em homenagem a um de seus tenentes, Denis de Trobriand. Ao longo do século XIX, diversos mercadores de pérolas e caçadores de baleias passaram pela região, sem se estabelecer. Na última década do século, missionários metodistas wesleyanos se tornariam os primeiros elementos alógenos a se instalar em Kiriwina, seguidos no início do século XX por agentes da administração australiana e alguns poucos comerciantes que formariam uma pequena colônia e um núcleo urbano, Losuia. A partir daí, foram instalados postos de atendimento de saúde, uma primeira escola primária sob a responsabilidade da Missão Católica do Sagrado Coração, alguns negócios, construída uma pista de pouso que muito serviu durante as Guerras e mais tarde, outras escolas, inclusive uma secundária, principalmente após a independência de Papua Nova Guiné (Campbell, 1984).

Na década de 1870, o antropólogo russo Nikolai N. Mikloucho-Maclay passou pouco menos de três anos no norte da Nova Guiné fazendo pesquisa de campo, mas seu trabalho ficou quase desconhecido porque morreu logo após ter deixado a ilha – parte do material por ele elaborado foi publicado em russo e seu diário, publicado em inglês na década de 1980, segundo Weiner (1988). Com exceção da expedição ao Estreito de Torres, levada a cabo em 1898 por Alfred C. Haddon sob os auspícios da Universidade de Cambridge, e a pesquisa etnográfica

fica realizada por Charles G. Seligman entre 1903 e 1904 na região de Massim, os conhecimentos que se tinha sobre a Nova Guiné baseavam-se em relatórios e diários de viagens de missionários, agentes governamentais e exploradores e tinham por objetivo o registro do maior número possível de informações sobre os costumes dos povos que iriam desaparecer ou mudar radicalmente com a ação missionária e com a colonização. É nesse contexto que entra em cena Malinowski (Weiner, 1988).

Quando eclodiu a Segunda Guerra Mundial, Malinowski encontrava-se na Austrália, preparando um trabalho sobre os Mailu que vivem na costa sul da Nova Guiné. Embora fosse polonês de nacionalidade austríaca, tecnicamente um inimigo da Grã-Bretanha, foi-lhe concedida a autorização para a realização da pesquisa junto aos Mailu durante três meses. Em seguida, Malinowski voltou à então capital da região de Massim, na Ilha de Samarai, de onde partiu para visitar aldeias e ilhas da parte norte da Nova Guiné. Mas, no caminho, acabou ficando em Kiriwina, Trobriand, “(...) alterando o curso de seu trabalho e o rumo da antropologia social”, como argumenta Weiner (1988: 2)<sup>9</sup>. Embora Seligman, tutor de Malinowski, tivesse realizado pesquisa de campo etnográfica na região, Malinowski acreditava que uma nova pesquisa pudesse produzir resultados importantes sobre essa sociedade trobriandesa que tanto intrigava alguns intelectuais da época – uma sociedade que, contrariamente às demais da região, organizava-se em torno de chefes hierarquizados por *status*. Em vez de deixar as Ilhas Trobriand depois de umas poucas semanas para explorar a costa norte, como inicialmente previsto, Malinowski acabou permanecendo praticamente dois anos em Kiriwina, entre os anos de 1915 e 1918 (Firth, 1957) para observar o *kula*, aquele particular sistema de trocas que envolvia diversos povos da região de Massim em determinadas épocas.

De volta à Grã-Bretanha, Malinowski publicou, no início da década de 1920, *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, que ia se tornar uma verdadeira arma contra, por um lado, a concepção de sociedades “primitivas” até então divulgada pela antropologia de inspiração evolucionista e, por outro, a “antropologia de gabinete”, ao pregar a necessidade da convivência do antropólogo ou etnógrafo por um longo tempo na comunidade que pretendia estudar com o intuito de captar adequada e satisfatoriamente o *ponto de vista dos nativos* sobre o que faziam (Malinowski, 1976; Murdock, 1943). Nesse momento, Franz Boas, nos Estados Unidos, incentivava seus estudantes e assistentes a fazerem o mesmo (Stocking Jr., 2004). Ao longo da década de 1930, diversos textos de grande envergadura acadêmica foram publicados por Malinowski, baseados no material coletado durante sua pesquisa de campo nas Ilhas Trobriand, tratando de diversos aspectos dos modos de vida dos ilhéus, tais como a magia, a sexualidade, o direito, a agricultura, dentre outros. O sucesso de sua obra lhe vale alguns dos últimos

<sup>9</sup> Nossa tradução do inglês: “(...) altering the course of his work and the direction of social anthropology”.

anos de sua vida nos Estados Unidos, trabalhando na Universidade de Yale até sua morte, em 1942 (Weiner, 1988). Estava criado o “lugar sagrado” das Ilhas Trobriand na antropologia mundial<sup>10</sup>.

Em 1971, quase sessenta anos depois de Malinowski, a antropóloga norte-americana Annette B. Weiner fez sua primeira incursão às Ilhas Trobriand. Ela relatou sua apreensão ao chegar nesse “lugar sagrado”, achando que muito conhecia sobre seu povo graças às leituras feitas de toda a obra de Malinowski. No entanto, logo percebeu que a realidade diante de seus olhos diferia daquela apresentada por Malinowski e concluiu que a discordância se dava não em razão dos erros porventura cometidos pelo célebre antropólogo polonês-inglês, mas do próprio desenvolvimento da produção de saberes antropológicos entre as décadas de 1910 e 1970 (Weiner, 1988). Segundo Weiner, o primeiro ponto de divergência estava na importância que acabou sendo levada a dar ao trabalho produtivo das mulheres trobriandesas, tema deixado voluntariamente de lado por Malinowski: a antropóloga foi convidada pelas mulheres para acompanhá-las a uma cerimônia de trocas de bens propriamente femininos por ocasião da morte de alguém (saias e outras roupas feitas de fibras vegetais), o que a levou a se atentar para a importância das atividades econômicas das mulheres (Weiner, 1976). A partir daí, Weiner revisou a concepção, segundo ela “reduzida”, que Malinowski tinha das relações de parentesco locais, dando ênfase à relação entre a mulher e seu irmão, mas tendo como escopo o ponto de vista da mulher. Mais adiante, a autora propôs uma nova abordagem sobre a norma da reciprocidade ao tratar dos bens inalienáveis que são “autenticados cosmologicamente” para compor o jogo paradoxal do “*keeping-while-giving*” ou *manter-em-se-dando* (Weiner, 1992). Por sua obra e atuação, Weiner se tornou presidente da Associação Americana de Antropologia de 1991 a 1993. Morreu em 1997, tendo sido professora da Universidade do Texas (Austin) e da Universidade de Nova York (NYU).

Além de Malinowski e Weiner, sem dúvida os mais consagrados pesquisadores que passaram pelas Ilhas Trobriand além de Seligman, diversos outros antropólogos, com suas pesquisas de campo na mesma região, contribuíram para manter o arquipélago como um “lugar sagrado”, tais como aqueles que participaram de uma importante coletânea editada por Jerry W. Leach e Edmund Leach em 1983, a saber, Shirley Campbell, Fredrick Damon, Michael Young, Ann Chowning, Carl Thune, Nancy Munn, Martha Macintyre, Stuart Berde, Debora Battaglia, Maria Lepowski e o próprio Jerry W. Leach (Leach e Leach, 1983), além de Reo Fortune (1932), Henry Powell (1968, 1969), Giancarlo Scoditti (1996), e o antropólogo papuásio, Professor da University of Papua New Guinea em Port Moresby, Linus Digim’Rina (1998)<sup>11</sup>.

Embora Malinowski e alguns de seus sucessores tenham caracterizado a vida social dos trobriandeses como organizada em quatro clãs divididos em

**10** Ao longo do século XX, a Nova Guiné ia ser investida por muitos antropólogos, dos mais variados países e vertentes teórico-metodológicas, interessados em estudar a incrível diversidade cultural local, fazendo deste um dos lugares do mundo mais frequentados por antropólogos até a atualidade.

**11** Nem todos os citados acima fizeram pesquisa de campo especificamente nas Ilhas Trobriand, mas seus trabalhos marcaram de algum modo as representações acerca das pesquisas no arquipélago ao mostrar as relações que os habitantes das ilhas onde estudaram mantêm com o arquipélago.

diversos subclãs ou *dala* numa estrutura matrilinear, alguns autores, como Montague (1971), vêm mostrando que, de fato, as relações de parentesco locais têm características bilaterais dentro de uma mesma geração ou durante a vida dos indivíduos (a descendência matrilinear e os princípios do *dala* assumem o controle quando se trata de regulamentar as relações entre gerações). Assim organizados, os trobriandeses praticam a pesca e produzem inhame, batata e diversos tipos de tubérculos, além de banana e coco em abundância, apesar de secas periódicas atribuídas a poderes mágicos de alguns chefes—e, mais recentemente, de problemas gerados pela pressão demográfica com o súbito aumento da população (Pöschl e Pöschl, 1985; Weiner, 1988). Desde Malinowski, alguns autores avançam que os trobriandeses, assim como os seus vizinhos próximos, se preocupam muito com os alimentos, tornando-os a medida de todas as coisas e fundamentais para se entender o sistema mágico-religioso e as relações de parentesco locais (Malinowski, 1935; Leach e Leach, 1983; Weiner, 1988).

Crain, Darrah e Digim'Rina (2003) propõem a seguinte síntese dos saberes antropológicos sobre as Ilhas Trobriand:

*As instituições culturais trobriandesas compartilham formas de práticas culturais que são características de muitas sociedades melanésias: as concepções religiosas se concentram nos processos de crescimento e decadência; a feitiçaria masculina envolve poderes de vida e morte; a magia controla a produção de alimentos; a posição na estratificação social é indicada pro forma, mas, na realidade, está subordinada a trocas sofisticadas que acontecem durante os ritos de nascimento, morte e colheita e, em menor medida, em associação com os intercâmbios do kula. Os homens são caracterizados por seu sucesso na horticultura e nas trocas de inhames e conchas do kula, enquanto as mulheres se distinguem através das trocas de saias e trouxas de fibras de bananeiras que efetuam durante os ritos mortuários. Os trobriandeses também se definem por um sistema estratificado de posições ligado à história alimentar ou aos seus ancestrais matrilineares diretos, transmitido pelo leite materno. As diferenças de posições são articuladas mediante as violações das proibições ligadas aos alimentos, que afetam de maneira diferenciada a magia armazenada no estômago (Crain, Darrah e Digim'Rina, 2003: 990)<sup>12</sup>.*

Assim, a vida nas Ilhas Trobriand foi definida por todos esses antropólogos como baseada em: relações de parentesco matrilineares (variáveis); rígida hierarquia de posições sociais estabelecida entre os chefes; prática de horticultura de tubérculos e plantas fibrosas e pesca nas lagunas dos atóis; particulares transações econômicas entre as mulheres; forte ritualidade baseada em crenças mágicas e feitiçaria; e intensas trocas e intercâmbios periódicos (que tomam a

**12** Nossa tradução do inglês: “Trobriand cultural institutions share the forms of cultural practice which are characteristic of many Melanesian societies: religious concepts focus on the processes of growth and decay; male sorcery involves powers of life and death; magic controls food production; rank is asserted pro forma, but in reality is contingent on elaborate exchanges during birth, mortuary, and harvesting rites and, to a lesser extent, in association with kula Exchanges. Men are defined by their success in gardening and exchanges yams and kula shells while women are distinguished through mortuary exchanges of skirts and leaf bundles. Trobrianders are also defined by a system of rank tied to the alimentary history or their direct matrilineal ancestors, transmitted through mother's milk. Differences in rank are articulated through violations of food prohibitions that adversely affect magic stored in the stomach.”

forma de “fatos sociais totais” maussianos) com ilhas vizinhas e o “continente” da Nova Guiné através do *kula*. Esses escritos constituíram, apesar de suas contingências, um *corpus* institucionalizado de conhecimentos, saberes e verdades não somente sobre “os” trobriandeses, mas sobre esse lugar remoto do mundo, tornando-o um “lugar sagrado” para a antropologia.

Contudo, como se vive nas Ilhas Trobriand, para além dos sistemas e estruturas descritos pelos antropólogos? O que “os” trobriandeses pensam sobre o que os antropólogos pensa(ra)m sobre “eles”? Como (con)vivem com esses pensamentos<sup>13</sup>? Essas foram algumas das questões que me motivaram a ir às Ilhas Trobriand, como turista e como antropólogo, enfim, sempre como *dimdim*<sup>14</sup>.

### DIÁRIO DE UM ANTROPÓLOGO TURISTA<sup>15</sup>

Qual não foi minha surpresa ao me deparar, na primeira leitura que eu fazia do então já clássico *Tristes Tropiques*, de Claude Lévi-Strauss, no final da década de 1980, com a seguinte passagem que abre o livro: “Odeio as viagens e os exploradores. E eis que estou prestes a contar minhas expedições” (Lévi-Strauss, 1955: 9)<sup>16</sup>. Que Lévi-Strauss odiasse os “*explorateurs*”, ok. Mas... as “*voyages*” também?! E eu ali, naquele momento, iniciando minhas leituras em antropologia para saber se era aquele realmente o campo disciplinar mais adequado para minha formação profissional. Eu desejava trabalhar em alguma área que me permitisse percorrer o mundo (ser comissário de bordo?) refletindo sobre as relações entre os povos (ser diplomata?). Eis que alguém me disse que o antropólogo era aquele intelectual que refletia sobre a diversidade cultural (e a variabilidade humana em todos os seus aspectos) a partir de suas experiências de contato com diferentes povos. Ou seja, a antropologia era o caminho para a realização do meu sonho profissional: estudar viajando, viajar estudando. Que bom que logo percebi que Lévi-Strauss estava sendo irônico ao dizer que odiava as viagens, num livro todo dedicado a suas viagens!

Era isso mesmo o que eu queria – viajar e estudar –, embora Lévi-Strauss alertasse para os “ossos do ofício”. Acabei viajando *para* estudar. Realizando minha formação superior na França, eu me especializei no estudo das expressões da diversidade sexual e de gênero num contexto brasileiro (mais especificamente, carioca). De volta ao Brasil, continuei me interessando pela diversidade sexual e de gênero, mas no contexto da região Nordeste, num primeiro momento e, em seguida, da região Norte, regiões onde resido e residio: viajei *para* trabalhar. Enquanto isso, fui me tornando um “viajante profissional”, um turista para além de antropólogo.

Desde o início dos meus estudos em antropologia, as Ilhas Trobriand sempre foram um “sonho de consumo” turístico (assim como Samoa, Bali, Marrocos e

**13** Busca-se incitar aqui a reflexão proposta por Geertz, quando afirma que “O que parece um debate sobre as implicações mais amplas da pesquisa antropológica é, na verdade, um debate sobre como viver com elas” (2001: 50)

**14** Este é o termo que se usa, nas Ilhas Trobriand, para designar uma pessoa que não é de lá, branca e estrangeira.

**15** A partir daqui, serão apresentados alguns relatos tirados do diário de viagem que mantive durante minha estadia em Papua Nova Guiné de 8 a 17 de março de 2013. Esses relatos são elaborações feitas a partir de uma certa leitura do diário. Assim como um diário de pesquisa de campo, o diário de viagem tinha como objetivo o de registrar o que eu observava, ouvia e sentia durante o dia. Como todo diário, este também foi marcado pelas escolhas que fiz e, sobretudo, pelas surpresas que tive. Todavia, não se tratou de uma viagem realizada com a finalidade de fazer um trabalho de campo etnográfico, e sim, de uma viagem a turismo. Sendo assim, os relatos são somente elaborações textuais das impressões de um antropólogo, não o diário de uma pesquisa de campo.

**16** Nossa tradução do francês: “Je hais les voyages et les explorateurs. Et voici que je m'apprête à raconter mes expéditions”.

tantos outros “lugares sagrados”, alguns que já percorri), mas de um consumo turístico *interessado* e *avisado* pela antropologia. Quando resolvi empreender a viagem a esse “lugar sagrado”, entre 2012 e 2013, motivavam-me aquelas famosas frases de Malinowski: “Imagine-se o leitor sozinho, rodeado apenas de seu equipamento, numa praia tropical próxima a uma aldeia nativa, vendo a lancha ou o barco que o trouxe afastar-se no mar até desaparecer de vista” (Malinowski, 1976: 23). Antes, eu já havia ido a Bali, por onde pairam os fantasmas de Margaret Mead, Gregory Bateson, Clifford Geertz e Fredrik Barth, dentre tantos outros. As Ilhas Trobriand, no entanto, tinham algo de especial: o “primeiro” trabalho de campo etnográfico totalmente baseado na técnica da observação participante.

Chega-se lá atualmente por via aérea, devido à irregularidade dos transportes marítimos na região. A porta de entrada para a República de Papua Nova Guiné é a capital, Port Moresby, onde aterrissam os voos originados sobretudo na Austrália, mas também em Cingapura, Filipinas, Fiji, Hong Kong, Ilhas Salomão, Indonésia e Japão. A malha aérea doméstica da Nova Guiné é particularmente densa, em razão das dificuldades de acesso por via terrestre ao interior montanhoso do país, as famosas *Highlands*, descritas em vastíssima literatura antropológica. De Port Moresby partem voos para todas as regiões do país, inclusive para Kiriwina, nas Ilhas Trobriand. Kiriwina era servida regularmente pela Airlines PNG três vezes por semana em aviões da fabricante canadense Bombardier. São aviões turboélices pequenos (De Havilland Dash 8) com configurações para 20 a 36 passageiros que estão capacitados para pousar em pistas curtas e em condições climáticas e ambientais muitas vezes adversas.

Viajei sozinho. Ao pousar em Port Moresby vindo de Brisbane, Austrália, em 8 de março de 2013, tive a sensação súbita de que eu estava pousando, mais que em um “laboratório”, em um verdadeiro “playground” ou “kindergarten” para jovens antropólogos: desde Mead e Bateson a Weiner, passando por Seligman, Fortune, Salisbury, Barth, Godelier, Herdt, Hogbin, Rappaport, Wagner e Strathern, dentre tantos que faziam parte de minha biblioteca, inclusive Malinowski, esse era o lugar onde haviam aprendido a *fazer* antropologia. Eu já estava em um “lugar sagrado”. Todos esses mestres antropólogos tinham ido a esse “playground” de múltiplas e exóticas culturas para produzir conhecimentos sobre os conhecimentos *diferentes*. Qual era mesmo a relevância de se conhecer o conhecimento dos *outros*? Para saber que soluções diferentes os *outros* deram para problemas não muito diferentes? Ou que soluções parecidas os *outros* deram para problemas diferentes? Ou, enfim, que soluções, nós e os *outros* damos para nossos problemas? Será que queremos saber isso só para afirmar o óbvio, a saber, que, apesar de criarmos *diferentes* e *outros*, todos criamos problemas (no sentido matemático do termo, não no sentido psicológico) e, logo, somos

todos humanos, já que a *natureza* do humano estaria no fato de que somente os humanos criam problemas de tal tipo?

Num folheto em inglês distribuído no aeroporto de Port Moresby para dar as boas-vindas aos turistas, lê-se que a República de Papua Nova Guiné (que chamaremos a partir daqui de “PNG”) tem seis milhões de habitantes divididos em 1.500 grupos culturais (chamados de “tribes”) que falam mais de 800 línguas. Na revista de bordo da Air Niugini, empresa aérea que me levou da Austrália a PNG, aprendo que o símbolo nacional é um pássaro de muitas cores, chamado “*paradise bird*”. A revista também recomenda diversos bares e restaurantes na capital, quase sempre em hotéis luxuosos, com fotos que apontam para a sofisticação do local. Ainda, dicas de festas e festivais “tribais” são dadas pela revista, sempre com indicações de resorts refinados para a estadia nos povoados “tribais” onde ocorrem. Port Moresby é a única “grande” cidade do país, uma cidade extensa com tráfego meio caótico e ruas largas, raramente ladeadas de calçadas e com construções (muitas casas, pouquíssimos edifícios) espalhadas de maneira irregular pelo espaço em meio a uma vegetação tropical luxuriante. À beira do mar, moram os *Motu*, uma etnia que “prefere”, segundo os folhetos turísticos municipais, construir suas residências em palafitas sobre o mar. Pelas ruas, nota-se uma população extremamente agitada, com roupas coloridas, flores nos cabelos e diversos sinais diacríticos de origem étnica, sempre descalça.

No primeiro dia, após deixar a mochila no hotel, fui visitar o National Museum, que se encontra próximo ao Jardim Botânico e à University of New Guinea e ao lado do novíssimo prédio do Congresso Nacional, cujo telhado imita o das casas dos espíritos da região de Sepik, nas *Highlands*. O taxista que me levou ao museu vinha também dessa região. Havia sido professor em sua terra natal, uma “*very remote area*”, segundo ele. Pediu demissão e, com a indenização de 100 mil kinas (o equivalente a pouco mais de 100 mil reais àquela altura), foi com a família a Port Moresby e comprou o taxi. Pai de quatro filhos (quer ter dez), falou-me sobre a família na Nova Guiné, sobre igualdade de gênero, sistema político, economia e sobre a ausência de conflitos étnicos expressivos, apesar da enorme diversidade cultural do país. Tentou me ensinar um pouco de pidgin, a língua franca ou geral do país, cuja base é o inglês. Ele me contou que o salário mínimo naquele momento era de 200 kinas (pouco mais de 200 reais) e que os professores do ensino básico ganhavam mais ou menos 400 kinas. Fez questão de me mostrar as escolas particulares e os carros grandes e caros que paravam em frente para deixar ou pegar os filhos das classes médias locais. Para ele, os “ricos” eram os fazendeiros, os empresários do ramo do “*oil*” (petróleo) e os donos das minas de metais preciosas e semipreciosos nas *Highlands* (grande riqueza do país desde a independência na década de 1970). Também fez questão de me mostrar um acampamento de sem-teto, em frente ao Palácio Presidencial, de pessoas que haviam sido desalojadas de suas residências

na véspera, com todos os seus móveis, pela polícia. Enquanto dirigia, ele ia apontando para as pessoas na rua e identificando as origens étnicas e “tribais”. Perguntei como ele fazia para reconhecer essas origens e ele respondeu, categórico: “*their colour*”. Os mais “*blacks*”, segundo ele, são os nativos das Ilhas Bougainville – um conjunto de ilhas a leste das Ilhas Trobriand, cujos habitantes, por se identificarem mais com os nativos melanésios das Ilhas Salomão, vêm travando há décadas uma guerra por autonomia contra o poder central. Ao chegar às proximidades do museu, ele perguntou se podia visitá-lo comigo, já que nunca tinha entrado lá.

Foi uma experiência única, visitar o museu nacional em companhia de um morador local. Os museus nacionais têm por objetivo didático o de dar uma imagem sucinta da maneira como o país se vê e quer ser visto pelo visitante, seja ele turista ou cidadão local. Daí a importância, a meu ver, de se visitar, logo no primeiro dia de viagem, o museu nacional. Este apresentava um bom acervo de artefatos arqueológicos, máscaras, tambores, arte plumária, dentre outros objetos, que meu cicerone fazia questão de comentar um a um. Para mim, a peça mais impressionante do museu era a enorme canoa, de quase 20 metros de comprimento, feita de uma única tora de madeira, que ornava a entrada do museu: era uma canoa das Ilhas Trobriand usada no *kula*, esculpida com esmero, finamente decorada, paramentada para o uso e para a exibição ritual<sup>17</sup>.

**17** Todas as fotos apresentadas a partir daqui são de minha própria autoria e foram tiradas com uma câmera semiprofissional da fabricante japonesa Canon (modelo Powershot SX10).



**Figura 1**  
Canoa trobriandesa, National Museum, Port Moresby, Papua Nova Guiné.

Apreendi na visita ao museu que a ocupação humana da região da Nova Guiné se deu a partir de 60 mil anos atrás – como já foi dito acima, na introdução a este artigo –, quando indivíduos vindos do sudeste asiático teriam passando por essas ilhas

rumo à Austrália num momento em que o nível do mar estava bem mais baixo. Algo me chamou a atenção de maneira contundente: a agricultura teria surgido nessa região simultaneamente a outras regiões do planeta, mas contrariamente ao que teria acontecido no Oriente Médio, onde a domesticação de plantas e animais propiciaria o aumento populacional e a sedentarização e, por conseguinte, no surgimento dos primeiros centros urbanos, na Nova Guiné, ao contrário, a agricultura nunca desencadearia a sedentarização e a urbanização. Acredita-se que ali não houve urbanização porque os frutos da agricultura não podiam ser estocados por muito tempo, em razão das particularidades climáticas locais e da natureza das plantas domesticadas. Enquanto no Oriente Médio se domesticou muito cedo a galinha e o gado caprino, na Nova Guiné foi o porco e, na África, o gado vacuno (Forde, 1966): antropólogos mostraram como o gado *vacuum* se tornou uma espécie de extensão do humano em determinadas sociedades africanas (Evans-Pritchard, 1978), enquanto na Nova Guiné, tratou-se do porco (Rappaport, 1984). Meu cicerone me disse que o porco é como um parente – e confirmou que os cachorros não são muito bem-vistos em PNG. Aprendi ainda que entre os séculos XII e XVI a Nova Guiné recebeu levas de polinésios, que ocuparam ilhas desabitadas (como as Trobriand) e comercializaram seus produtos com malaios do oeste, o que acarretou na introdução da batata doce, hoje base da alimentação dos povos das montanhas (houve também a introdução de costumes para além da produção de alimentos, como se percebe na organização social e nas relações de parentesco dos trobriandeses). Ao final da visita ao museu, percebe-se o desafio que o país se coloca: a modernização deve caminhar juntamente com a necessidade de se proteger aquilo que faz a particularidade do país perante as demais nações, a saber, por um lado, a biodiversidade e o meio ambiente e, por outro, a pluralidade dos povos e a diversidade cultural – logo, a etnobioidiversidade.

Pedi ao taxista que me deixasse no bairro mais comercial da cidade, Boroko, onde fica o maior terminal local de PMVs – os “*public motor vehicles*”, de origem coreana ou japonesa, maiores que as vans e menores que os ônibus que circulam pelo Brasil, mais adaptados às condições papuásias. Na praça do bairro há um grande mercado a céu aberto, onde se vende todo o tipo de mercadorias, sobretudo sapatos, roupas muito coloridas de origem asiática e artefatos domésticos utilitários produzidos de maneira artesanal. Nas lojas e centros comerciais no entorno da praça, abundam as lojas chinesas de “*second hand cloathes*”, espécies de brechós rigidamente vigiados por seguranças armados. Fui identificado como um turista e todos me cumprimentavam alegremente, mascarando “*betel nut*”, a noz de areca, uma fruta que se masca o tempo todo por toda parte e que deixa os lábios e os dentes vermelhos – quando termina o sabor, cospe-se no chão, deixando o solo vermelho, daí a grande quantidade de cartazes nos locais de comércio e pontos de aglomeração humana, proibindo o uso de “*betel nut*”<sup>18</sup>.

**18** O taxista, que se tornou um bom informante, tinha me dito que a “betel nut” se masca junto com um vegetal apimentado e, às vezes, com sal ou pó de corais. Depois, ao longo da viagem, observei que os usuários fazem o seguinte: mordem a areca (*Areca catechu*) e tiram um pedaço que guardam na boca, mergulham o vegetal apimentado (pimenta de bétel, *Piper betle*) num pote contendo coral em pó, levam o vegetal agora embranquecido pelo coral à boca para mascar junto com o pedaço de noz de areca; em alguns minutos, a boca e os lábios ficam vermelhos, como se estivessem sangrando. Parece que o efeito é semelhante ao da nicotina, estimulante e inibidor de apetite.



**Figura 2**  
Mercado de Boroko, Port Moresby, Papua Nova Guiné.

De Port Moresby, voei para Alotau, capital da Província de Milne Bay (uma das 22 do país), ponto de partida obrigatório para as ilhas que compõem o leste da Nova Guiné (d’Entrecasteaux, Louisiade, etc.), dentre as quais as Trobriand. Fiquei alguns dias na região para conhecer a antiga capital da província, na ilha de Samarai, e visitar alguns recifes de corais bons para mergulho, alguns com restos de naufrágios da Segunda Guerra Mundial. Quando soube que eu era antropólogo e que estava interessado nas Ilhas Trobriand, uma funcionária do hotel onde me hospedei disse-me que havia um senhor na cidade que conhecia tudo sobre as “tradições” da região e que poderia me dar informações históricas sobre o local, como já havia feito para outros estudiosos que por lá passaram.

Em meu passeio a pé por Alotau, a uns cinco quilômetros de distância do hotel onde me hospedei, Driftwood, fiquei alegremente surpreso ao descobrir que estava acontecendo uma festa em comemoração ao aniversário de uma rádio local, “NBC Milne Bay, *The Voice of Kula*”. Era a segunda referência ao *kula* nesta viagem, depois da canoa do National Museum!

Alotau é mais uma dessas cidades da Oceania que pouco têm a ver com a nossa concepção brasileira de cidade: as construções se espalham por amplos



Figuras 3, 4 e 5  
Mercado de Alotau, Alotau,  
Papua Nova Guiné.



terrenos sem cerca que ladeiam ruas e caminhos sem calçadas, sempre em meio a uma abundante, florida e luxuriante vegetação bem cuidada. As pessoas se sentam no chão, nas ruas, e passam ali horas a observar, sempre com um sorriso vermelho de “betel nut” nos lábios, os transeuntes que vão às compras. Nos campos e muitos terrenos baldios, crianças, adolescentes e jovens meninos e meninas jogam futebol, vôlei e críquete (esporte muito popular na região). Um galpão aberto com dezenas de mulheres e homens sentados no chão com seus produtos expostos para a venda faz as vezes de mercado: punhados de



Figura 6  
Alotau, Papua Nova Guiné.

noz de areca, inhame, milho, banana, coco, peixes secos e defumados e frangos assados destrinchados são os produtos vendidos pelas mulheres na parte externa, enquanto os homens, na parte interna, vendem fumo ao abrigo do sol e da chuva (muito frequente na região durante o ano todo). Em frente ao galpão são comercializados, em diversas barracas, quitutes, guloseimas e sucos e sacos plásticos, já que não são fornecidos sacos quando da compra de frutas, legumes e fumo no interior do mercado. Ao lado, tem-se uma espécie de terminal de PMV e pequenos cais de onde se pode embarcar para as comunidades e ilhas próximas. Do outro lado do mercado, um amontoado de pessoas ouve atentamente a barulhenta e acalorada pregação de um pastor evangélico.

Em Alotau, eu estava só de passagem, antes da viagem para Kiriwina, Ilhas Trobriand: “Vamos imaginar que estamos navegando ao longo do litoral sul da Nova Guiné, em direção a seu extremo oriental” (Malinowski, 1976: 42). Não fui de navio para a Ilha de Kiriwina, como Malinowski, mas de avião. Somente 35 minutos de voo separam Alotau de Kiriwina. Após o sobrevoo das Ilhas d’Entrecasteaux, lá estava o conjunto das Trobriand, debaixo de uma gigantesca nuvem que iria desabar violentamente sobre o conjunto no exato momento da aterrissagem. Descobri, ainda no aeroporto de Alotau, que o avião seria pilotado por uma mulher, nativa de Kiriwina. Os aviões em PNG servem realmente como meios de transporte populares de pessoas e mercadorias, ainda mais quando se trata de circular entre regiões remotas, sobretudo ilhas. Muitas mercadorias foram embarcadas no voo que me levava a Kiriwina, inclusive na cabine de passageiros.

Chovia torrencialmente quando o avião pousou, mas mesmo em meio à chuva, dezenas de pessoas esperavam à beira da pista de pouso para ajudar a desembarcar as mercadorias e já colocar na aeronave as mercadorias que seriam transportadas no sentido inverso, para Alotau e Port Moresby. O aeroporto é uma casinha de madeira onde o funcionário da Airlines PNG guarda a mercadoria que será levada até o avião. Em volta, as pessoas esperam seus parentes e amigos, vendem artesanato ou simplesmente observam o movimento, sempre descalças. Perguntei ao funcionário da Airlines PNG se ele conhecia a pessoa do “lodge” que eu havia reservado, a pessoa que viria fazer o “transfer”. Ele me mostrou o “bus” – na verdade, uma van – e o motorista, Stanley. Há somente um local para se hospedar em Kiriwina, eu já havia reservado com certa antecedência e Stanley era um amigo do dono que dirigia o carro do “lodge”<sup>19</sup>. Esse é um dos raros carros de Kiriwina (a ilha inteira conta com menos de dez veículos motorizados, sendo que três pertencem ao dono do “lodge”, que os utiliza para todos os serviços necessários para os administradores e os moradores da ilha, sob encomenda).

Stanley me perguntou se eu me importava em esperar o avião da Airlines PNG decolar de volta para Port Moresby para que nós déssemos carona aos cinco funcionários da companhia aérea e do aeroporto. Gostei da ideia de esperar,

**19** Não há muitos guias de turismo impressos disponíveis sobre a Nova Guiné. Ainda que o Lonely Planet seja o mais completo, há inúmeras lacunas. Por exemplo, os únicos locais de hospedagem citados em Kiriwina são as casas dos moradores ou dois albergues/pousadas, um, de propriedade de um estrangeiro, que já estava fechando as portas no momento de minha visita e um outro, de propriedade de um morador. Em todos os casos, não há como estabelecer comunicação para reservas prévias, se não for por telefone. Devido às dificuldades de comunicação, pedi aos funcionários do hotel em Alotau que fizessem a reserva para mim com muita antecedência. Ao preparar minha viagem, entrei em contato por e-mail com algumas agências de viagem em Port Moresby para pedir que preparassem as reservas e eventualmente as passagens aéreas domésticas, mas os preços cobrados me pareceram exorbitantes – o turismo na Nova Guiné ainda se limita a, por um lado, adeptos de esportes radicais e trekkings e, por outro, veranistas de resorts e grandes hotéis balneários, em ambos os casos com preços bastante elevados justificados pela clientela elitizada que frequenta a região, composta por australianos e neozelandeses. Preferi entrar em contato diretamente com os hotéis e comprar as passagens no site eletrônica das companhias aéreas.

pois a movimentação naquele momento estava muito interessante: mercado-rias, pessoas, bichos, chuva... actância em estado puro! Eu já tinha virado atração, muitas pessoas apontavam para mim e sorriam. Percebi que dois rapazes vendiam lembranças, uma cabaça esculpida com os dizeres “*Greetings from the Trobes*” (“Lembranças das Trobriand”) que, acho, eles tentavam vender para os passageiros que seguiam no avião de volta para a capital. De repente, percebo que os outros veículos que se encontravam ao lado da casinha-aeroporto haviam desaparecido – um deles, da “*Kiriwina High School*” e o outro, de um órgão do governo local. A chuva apertava. As pessoas haviam sumido subitamente. Os funcionários da companhia fecharam literalmente o aeroporto e juntos fomos pela única estrada da ilha, toda de corais<sup>20</sup>, até Losuia, a única aglomeração urbana da ilha, a menos de dez quilômetros da pista de pouso.

No caminho, os funcionários da Airlines PNG puxaram assunto comigo: claro que tiveram que falar de futebol quando souberam que eu era brasileiro. Eles me falaram da relevância do críquete nas Ilhas Trobriand, mais um motivo de festa do que de competição, segundo eles. Eu já havia visto um interessante documentário australiano sobre críquete em Kiriwina<sup>21</sup>. Depois, ao saber que eu era antropólogo, disseram-me que há um memorial para Malinowski em Omarakana (aldeia onde o polonês-inglês morou), em frente à casa do “*paramount chief*”, o chefe principal de Kiriwina. Fiquei um pouco impressionado pelo fato de eles conhecerem Malinowski. Também me falaram de outro antropólogo, por eles denominado em kilivila de Tonanga. Tratava-se – eu soube disso depois – de Sérgio Jarillo de La Torre, um espanhol que estava realizando pesquisa de campo na ilha para sua tese de doutorado em Antropologia Social na Universidade de Cambridge, Grã-Bretanha<sup>22</sup>. Eles descreveram Sérgio como “aquele que fala a nossa língua” e que “come tudo o que a gente come”. *Falar a “nossa” língua e comer como “nós*”, duas coisas que pareciam importantes para essas pessoas.

O Kiriwina Lodge fica a aproximadamente quatro quilômetros a sudeste de Losuia, à beira mar. Trata-se da maior construção da ilha, toda de madeira. Os sete ou oito quartos dão para dois corredores dispostos em “L” em frente à laguna. O dono, Tokula, ocupa um dos quartos, assim como as outras duas pessoas que o ajudavam durante minha estadia – sua esposa e um funcionário. Lá estavam hospedados, além de mim, o administrador local (cujo nome não me lembro), Rita, a funcionária do Bank of South Pacific (BSP) e Peter<sup>23</sup>, um agente australiano de uma empresa que implementa projetos de desenvolvimento em países da Oceania (“*Social Sciences Dimensions – Sustainability, Governance and Development*”, SSD).

No jantar daquela primeira noite, conversamos muito, todos reunidos numa mesa única, juntamente com o dono do “*lodge*” e um assistente da administração local que reside em Kiriwina. Todos acharam muito curioso o fato de um

**20** Como se trata de uma ilha coralínea ou atol, não há pedras, somente corais que, quando mortos, se tornam duros como pedras – Kiriwina seria, então, um amontoado de corais mortos rodeado de corais vivos submersos.

**21** Trobriand Cricket: an ingenious response to colonialism, de Gary Kildea e Jerry Leach, de 1976.

**22** Depois da defesa de sua tese, em 2013, Sérgio J. de la Torre se tornou antropólogo do American Museum of Natural History, em Nova York, e pesquisador do Smithsonian Institute em Washington, nos Estados Unidos. Sua pesquisa tratou das esculturas trobriandesas.

**23** Usarei pseudônimos para alguns dos sujeitos com os quais conversei e convivi.

brasileiro visitar Kiriwina. Tentei justificar a visita apelando para a antropologia. Tokula me mostrou, num mapa de Kiriwina pregado à parede, a localização exata do “*lodge*”, não muito distante de Losuia, a “capital” da ilha<sup>24</sup>. A conversa no jantar deslanchou com um assunto precisamente sobre os problemas demográficos da região: o administrador contou que a população vem crescendo muito e que, nas Ilhas Simsila, a leste de Kiriwina, já há falta de alimentos – ele disse que as pessoas “*seem like ethiopians over there*”, parecem etíopes por lá. O agente da SSD, Peter, perguntou pelos projetos de controle de natalidade e o administrador respondeu que já estavam em andamento em Kiriwina, onde resultados positivos já podiam ser percebidos, mas não em outros atóis e ilhas da região. Preferi não intervir e deixar a conversa fluir. Eis que chega nesse momento a funcionária do BSP, Rita, se dizendo “*starving*”, faminta. Tokula e o funcionário do hotel já estavam colocando a comida à mesa: enormes caranguejos azulados, pequenos peixes fritos no azeite de coco, arroz cozido no leite de coco, bananas cozidas inteiras, uma espécie de couve e três tipos diferentes de tubérculos – batata doce, inhame e taro. Tokula informou que tudo era originário de Kiriwina, exceto o arroz. Nos dias que se seguiram, percebi que realmente ele tinha grande prazer em passear pela ilha em busca de coisas que pudessem virar refeição para seus convivas hospedados no “*lodge*”. Eu o acompanharia em alguns desses passeios.

Ao longo daquele jantar, muitas foram as informações que me interpelaram fortemente. Rita e Peter tocaram no assunto da insegurança em Port Moresby. Depois, veio à tona o tema da Ilha de Bougainville e o movimento separatista que age por lá. Rita é originária de lá. Falaram do fato de que a exploração das minas em Bougainville (não consegui entender de que eram as minas) por empresas estrangeiras estaria tirando a população local de suas atividades tradicionais e introduzindo mudanças radicais nos modos de vida – não pude deixar de pensar na importância de estudos na área de antropologia colaborativa nesse contexto. Rita contou que os papuásios da “*mainland*” (ou seja, de Port Moresby) são chamados em Bougainville de “*red skin*”, peles vermelhas, o que me fez lembrar do relato do taxista de Port Moresby sobre os nativos de Bougainville, por ele chamados de “*black*”. Ela disse que essa denominação não é preconceituosa, assim como a maneira como em Kiriwina se chamam os brancos, “*dimdim*”.

Ao longo da conversa vez ou outra alguém se virava para mim e dizia “isso é interessante para você, antropólogo!”, como se eu estivesse lá para fazer pesquisa de campo. Lá estava eu entre nativos trobriandeses, funcionários papuásios e um agente de desenvolvimento australiano, tentando pensar em antropologia reflexiva e colaborativa, reversa e simétrica (Wagner, 2010; Latour, 2009). Num determinado momento, Rita me perguntou o que eu sabia sobre Trobriand, o que me fez pensar mais ainda em simetria, reverso do reverso. Resumidamente,

**24** Losuia parece um aglomerado disforme de casas bem construídas quase todas de madeira ou metal e postos estatais, tais como posto de saúde, escola, representação policial, etc. A aglomeração é chamada localmente de “*station*”, e não de “*city*” ou “*town*”. A “*station*” se encontra no meio da ilha, entre o norte plano superpovoado e o sul pantanoso e demograficamente vazio.

falei de Malinowski e do *kula*. O administrador e o “*officer*” que o acompanhava, Henry, ficaram entusiasmados e me falaram da importância do sistema de trocas para a região nos dias de hoje – o administrador parece ser um personagem de grande status no sistema, segundo Henry. Mas, o assunto mudou para a insegurança e a violência na “*mainland*”. Ficou muito claro que a violência não atinge estrangeiros, somente cidadãos papuásios, e que se restringe a Port Moresby e às *Highlands*. Enfim, terminaram o assunto dizendo que ultimamente nas guerras tribais têm sido usadas armas de fogo e, muitas vezes, os conflitos são incitados por fazendeiros interessados nas terras férteis das montanhas. Parece que eles distinguem a população de PNG entre os violentos e agressivos moradores da “*mainland*”, sobretudo os das *Highlands*, e os dóceis e pacíficos moradores das ilhas, o que inevitavelmente me remeteu a Mead (1976), apesar das motivações para a violência dos primeiros nada terem a ver com as da época em que a antropóloga norte-americana passou pela Nova Guiné e falou da agressividade de uns e a docilidade de outros como “temperamentos” culturalmente determinados que nada tinham a ver com a biologia dos povos nativos. Até que ponto antropólogos não contribuíram para essa representação da divisão interna da Nova Guiné?

O administrador local não mora em Kiriwina. As Ilhas Trobriand fazem parte da Província de Milne Bay, como já dissemos acima. A província, por sua vez, está subdividida em regiões administrativas, dentre as quais a que engloba Kiriwina e Goodenough (uma das Ilhas d’Entrecasteaux). O administrador visita as ilhas a cada quinze dias, mas tem residência em Port Moresby e em Alotau. Ele revelou que acumula diversos cargos ou funções que, com as mudanças que estão ocorrendo, estão sendo aos poucos separados: além de administrar a ilha, ele é magistrado e representa o poder judiciário na resolução de “*tribal conflicts*” junto com os chefes locais; ele registra os voos das ilhas junto às autoridades de Guernsey, o aeroporto de Alotau; implementa os projetos educacionais e sanitários para as ilhas; dentre outras atividades. Ouvi uma conversa que ele e Peter tiveram no jantar sobre a importância desse acúmulo de funções para o entendimento da realidade local de modo mais holista ou integrado, o que estaria sendo ameaçado com as novas propostas governamentais de separar as funções a partir da criação de cargos de funcionários específicos, como os “*agricultural officers*”, os “*educational officers*” e os “*infra-structure officers*”, além dos magistrados. O modelo de administrador “*multiuso*” permitia, segundo ele, que recursos previstos, por exemplo, para a infraestrutura e não utilizados para esse fim pudessem ser remanejados quando necessário para a área de educação ou para resolver conflitos de terra que geravam guerras tribais. Com o novo modelo, as verbas seriam divididas entre os “*officers*”. Além do mais, segundo ele, há interesses políticos que acabam por aumentar – ou até mesmo instigar – as tensões entre “*tribes*”.

Rita também não mora em Kiriwina. Ela contou que vai a Kiriwina uma vez por mês para prestar os serviços bancários à população. Como não há condições para a instalação de agências bancárias, a funcionária passa uma semana na ilha atendendo a população com uma conexão à internet via satélite. Ela disse que, em um dia, havia aberto 26 contas bancárias, sobretudo para professores das inúmeras escolas da ilha e novos missionários católicos recém-chegados. Enfim, o agente da SSD me explicou que a empresa para a qual trabalha presta serviços de assessoria e consultoria, mediante pagamento, a agências governamentais e governos locais na Oceania; sua formação é em sociologia e antropologia, com ênfase em economia. Conversamos muito sobre “*applied anthropology*”, antropologia multissituada, colaboração e desenvolvimento.

Naquele mesmo dia à tarde, logo após minha chegada ao “*lodge*”, dei uma volta pelo entorno para começar a matar a curiosidade sobre Kiriwina. Tokula me aconselhou que fosse no sentido inverso a Losuia – logo, para o sudeste –, onde eu veria uma bela paisagem e passaria por uma missão católica, a única da ilha. Segui o conselho e peguei a estrada descendo em direção à parte pantanosa. No caminho, deparei-me com uma vegetação exuberante e uma paisagem bastante antropizada, inclusive com inúmeros “jardins” – os “*gardens*” de que tratou Malinowski – ou hortas de inhames e outros vegetais que não consegui identificar. De repente, surgiram casas dos dois lados da estrada, feitas de palha trançada, algumas com telhados de metal (zinco), e, ao lado das casas, pequenos celeiros com inhames expostos – as tais “*yam houses*” de que falou Malinowski – e túmulos. Os túmulos me chamaram a atenção pelo fato de trazerem flores e cruzeiros (os mais novos pareciam feitos de cimento, provavelmente trazido de outras ilhas ou da “*mainland*”, enquanto os mais antigos eram feitos de amontoados de pedras coralíneas). No centro da aldeia, pessoas sentadas em espécies de estrados de madeira realçados acenavam enquanto eu passava, sempre com um sorriso estampado no rosto, vermelho de “*betel nut*”. Uma ou duas crianças vieram me seguir. Continuei a caminhada, saindo da aldeia e logo chegando a outra aldeia. E mais crianças me seguiam. Saí da segunda aldeia e, quando me dei conta, mais de uma dezena de crianças já me seguia, sorrindo, quase gargalhando: “*good afternoon*”, diziam em uníssono, repetidas vezes. A “líder” do alegre grupo parecia ser uma menina muito sorridente e bastante conversada chamada Sabrina. Interagimos, eles quiseram tirar fotos com minha câmera e, sobretudo, queriam se ver na foto. Tinham total habilidade com o aparelho. Atrás de todos, estava uma menina aparentemente mais velha, que devia ter uns 17 anos. Perguntei como se chamava a aldeia que havíamos passado e disseram algo como Ta’wa. À esquerda da estrada, avistei a missão católica de que Tokula me havia falado (por isso logo entendi o porquê das cruzeiros nos túmulos nas aldeias próximas), Gusaweta. Era domingo e estava acontecendo uma missa. Fui

em direção à igreja. Todas as crianças que me acompanhavam entraram e se acomodaram no chão, assim como os adultos que assistiam à missa. Eu preferi ficar do lado de fora para não chamar muito a atenção. Mas, todos olharam para trás quando as crianças sorridentes começaram a entrar na igreja e o padre quase parou a missa com o incômodo causado pela minha chegada. Confesso que tentei ser discreto, mas as crianças não o foram. O padre vestia uma batina branca e era visivelmente estrangeiro: falava inglês com sotaque espanhol e era branco. Depois, Tokula me disse que era colombiano e que havia uma freira vivendo ali que talvez fosse brasileira.



**Figura 7**  
Missão Católica em Gusaweta,  
Kiriwina, Papua Nova Guiné.

**Figura 8**  
Ta'wa, Kiriwina,  
Papua Nova Guiné.



Continuei a caminhada atravessando mais hortas e aldeias povoadas de pessoas sorridentes, sendo acompanhado por crianças e mais crianças ao longo de quase todo o trajeto. Num determinado momento, a vegetação desapareceu e um campo se abriu. Depois de alguns quilômetros sem aldeias, nem árvores, nem hortas, resolvi voltar pela mesma estrada. Alguns moradores das aldeias me pediram “*smoke*”, mas eu não fumo. Uma ou outra criança me acompanhou pelo caminho, conversando em inglês. É claro que não pude deixar de procurar Malinowski em tudo, por toda parte. E encontrei tudo o que ele descreveu, as aldeias, as hortas, os sorrisos. Longe de mim qualquer tentativa de instituir uma leitura que reatualize exotismos de cunho colonialista ao dizer que encontrei as descrições de Malinowski por toda parte!



**Figura 9**  
Crianças em Kiriwina,  
Papua Nova Guiné.

Mas, o mais fascinante não foi perceber, ao comparar, o que permaneceu da realidade descrita por Malinowski, mas o que as pessoas fazem hoje em dia e remete a práticas relatadas por Malinowski ou Weiner, por exemplo. Cheguei ao hotel e lá estava o administrador local, sentado em frente ao seu quarto. Conversamos sobre meu passeio e eu expus meu fascínio diante da simpatia das pessoas. Ele me disse que estava criando um *website* para incentivar o turismo na região. Para ele, é positivo que ainda não haja muito turista visitante a região, pois não haveria condições (acho que ele se referia a condições logísticas) para desenvolver o turismo e preservar o que as ilhas têm de melhor – “*the way people still live*”, a maneira como as

peças ainda vivem, segundo ele. E era precisamente o “*the way people still live*” que me interessava, enquanto turista que também é antropólogo.

Nos três dias que se seguiram, visitei diversas partes da ilha, de norte a sul, seja sozinho, caminhando, seja em companhia de Tokula e Stanley, num dos poucos carros da ilha. Conversei com muitas pessoas – na verdade, elas conversavam comigo antes mesmo que eu me aproximasse para iniciar qualquer interação. Tentarei repassar aqui as informações que coletei a partir dessas ricas interações.

Em Kiriwina, não há rede elétrica. No “*lodge*”, por exemplo, há um gerador que funciona unicamente durante algumas poucas horas do final da tarde ao início da noite para bombear água doce e iluminar a sala de jantar. Algumas poucas casas e órgãos públicos, escolas e posto de saúde na “*station*” têm geradores. Só há água encanada para essas mesmas poucas casas. Os demais domicílios são abastecidos com poços construídos no meio das aldeias, muitas vezes perfurados por estrangeiros, ou sistemas de captação de água de chuvas (muito abundantes ao longo do ano). Apesar das chuvas, não há inundações, pois não há rios. Há menos de dez estabelecimentos ou casas com acesso à internet, via satélite, e somente há televisores nas escolas que têm geradores. Vi escolas em praticamente todas as aldeias. Quando não estão na escola, meninos e meninas brincam nos inúmeros campos que servem como praças em frente às escolas, despreocupados com o mundo exterior, ou nadam no mar, nos mangues ou nas lagoas que se formam em determinados lugares com as chuvas intensas. Não há lama, pois não há barro, logo, a chuva forma lagoas de águas translúcidas. Também não há bichos peço-

**Figura 10**  
crianças em Kiriwina,  
Papua Nova Guiné.



nhentos, nada de cobras, escorpiões, aranhas, formigas venenosas ou qualquer outro animal venenoso – pelo menos, em terra, pois no mar, é outra a história.

Aparentemente, todos vivem do que plantam, e planta-se por toda parte. Além das hortas – descritas longamente por diversos antropólogos –, ou se pesca/coleta (peixes e frutos do mar) ou se cria (porcos e galinhas, já que aparentemente não há gado *vacuum*, nem caprino ou ovino, provavelmente por razões ecológicas). Percebi que geralmente quem mora no interior da ilha planta e não pesca e quem mora no litoral pesca e não planta<sup>25</sup>. Os produtos são comercializados no mercado central em Losuia – um grande galpão aberto próximo ao mar. Com o dinheiro da venda, compra-se, nas duas pequenas lojas em Losuia, bens que não são produzidos nas ilhas, como arroz e óleo ou roupas e utensílios diversos. Há um mercado específico para a comercialização da noz de areca e a parafernália que a acompanha em seu consumo cotidiano. Algumas pessoas trocavam produtos, não os vendiam por dinheiro, como vi no mercado.

Os inhames e os porcos são considerados mais bonitos que as pessoas: um dia, na estrada, passou um grupo de homens com os rostos pintados de branco, cantando alegremente e segurando um enorme inhame de mais de um metro de comprimento; eles iam, segundo Tokula, levar o inhame para o chefe. O chefe os receberia com música e comida e os habitantes da aldeia viriam apreciar o inhame ofertado. De volta a sua aldeia de origem, esses homens seriam recebidos pelo horticultor que encontrou o inhame para uma festa com muita distribuição de comida. Além dos chefes locais nas aldeias e os chefes de grupos de aldeias, há o “paramount chief”, que vive em Omarakana. A ele deve ser dado o mais belo inhame de cada aldeia, a cada colheita. Todos falam do “paramount chief” com carinho. Também vi grupos de homens e mulheres em seus “jardins”, cantando. Tokula confirmou o que já dizia Malinowski: tudo se faz ao som de cantigas, cultivo da horta, pesca, fabrico de roupas de fibras vegetais e esculturas de canoas. As terras seriam passadas de geração a geração pelas mulheres, os casais novos vão morar com o grupo dos pais do noivo e o poder dos chefes é passado do tio para o sobrinho. Não há prostituição, já que o sexo é encarado de maneira tranquila, segundo Stanley. E, ainda segundo Stanley, não há as drogas que assolam a “mainland”, também não há bebida alcoólica nos dois comércios da ilha, nem vi pessoas bebendo qualquer coisa que não fosse água, coco ou suco<sup>26</sup>.

Poderíamos nos perguntar o que fazem os missionários cristãos, os agentes do desenvolvimento, os administradores e os funcionários de bancos transnacionais nesse lugar. Como os missionários exemplificam ou representam o céu/paraíso e o inferno para as pessoas que vivem nesse lugar, tema tratado por Leenhardt dentre os canaques da Nova Caledônia (1971)? E como o agente de desenvolvimento e os administradores implementam as políticas geralmente negociadas junto aos bancos internacionais? Como os hóspedes do “lodge” relacionavam as necessidades

**25** Contra a ideia tão comum na perspectiva antropológica evolucionista e na escola arqueológica histórico-cultural de que o “homem primitivo” estava sempre à procura de alimentos, muitas vezes não conseguindo suprir suas necessidades básicas, Malinowski disse: “(...) o verdadeiro nativo, o nativo de carne e osso, é muito diferente do pretense Homem Econômico Primitivo, em cujo comportamento se baseiam tantas deduções escolásticas da teoria econômica abstrata. (...). É guiado primariamente não pelo desejo de satisfazer suas necessidades vitais, mas sim por um complexo sistema de deveres e obrigações, de forças tradicionais, e crenças mágicas, ambições sociais e vaidade” (1976: 61).

**26** Incessantemente, nas conversas, como se percebe até aqui, tenta-se opor a tranquilidade das Ilhas Trobriand à insegurança da “mainland”, o que reforça, não só o caráter “sagrado” do lugar, mas contribui para a “invenção criativa” de uma cultura sui generis.

dessas pessoas com as necessidades das instâncias que eles representavam? Enquanto me colocava essas perguntas, Tokula se mostrava contente porque um cais estava sendo construído em Losuia para abrigar navios de cruzeiro: na segunda metade de 2013, um desses navios iria desembarcar em Kiriwina alguns milhares de visitantes vindos da Austrália. Meu susto diante dessa iniciativa fez com que Tokula confessasse sua preocupação com as consequências desse tipo de turismo.

A madeira, por exemplo, é escassa em Kiriwina há alguns anos, devido, segundo ele, ao aumento da população e o consequente incremento no número de casas construídas. Um artesão que encontrei no meio da estrada, certa vez, me disse que tinha dificuldade em encontrar madeira para esculpir e que tinha que pegar os restos das construções de casas, já que a madeira agora vem da Ilha de Woodlark e que ele não tinha como comprar a matéria-prima necessária para suas obras. Como atender à demanda dos turistas dos cruzeiros? Essa pergunta foi feita por esse artesão... E as canoas do *kula*, com que são feitas atualmente? Com os veranistas dos cruzeiros, chegarão hábitos e artefatos que deverão ser consumidos pelos trobriandeses, provavelmente. E o dinheiro que ficará na ilha? Irá para o Bank of South Pacific? Para que?

Numa manhã, o assunto à mesa do café era antropologia, novamente. Um rapaz que havia vindo em busca de Peter, o australiano, me falou com entusiasmo do antropólogo espanhol que estava fazendo pesquisa de campo por lá, Sérgio J. de la Torre. Esse rapaz era o mesmo que conheci no dia de minha chegada, que também trabalhava na Airlines PNG em dias de voos. Repetiu que Tonunga (Sérgio) falava muito bem kilivila e que comia tudo o que todo mundo come em Kiriwina. Ele contou que, certa feita, estava conversando com uns amigos e uma senhora que ia viajar para a Austrália e precisaria trocar de avião em Port Moresby. Eles não sabiam explicar para a senhora que ela ia pegar um avião a jato, um “jumbo”. Foram até Tonunga pedir para que ele, em kilivila, buscasse uma tradução para “jumbo”. O espanhol obteve êxito e, desde então, todos na ilha o consultavam quando tinham qualquer problema ou desavença, na esperança de que ele, com palavras, pudesse acalmar os ânimos. Além de Tonunga, outros antropólogos foram invocados, como um outro espanhol, que não se adaptou, assim como a noiva de Tonunga. Por fim, eis que apareceu no assunto Annette Weiner, uma “estudiosa dos assuntos de ‘ladies’” que, segundo meu interlocutor, chegou a se casar em Kiriwina!

Teve um dia que tirei para encher meu anfitrião de perguntas, enquanto visitávamos o norte da ilha de carro. Tokula me convidou para conhecer o “*paramount chief*”. Na verdade, não se tratou de um convite, mas quase de uma injunção. Segundo ele, todo visitante que chegava à ilha pela primeira vez devia se apresentar ao chefe com presentes e que o “*paramount chief*” já sabia de minha presença na ilha. Kiriwina tem pilotos de avião de companhias aéreas famosas, como Emirates Airlines, jogadores de críquete famosos, ministros no governo central, etc. E tem

um “*paramount chief*” respeitado por todos. Eu estava diante de temas clássicos da antropologia, da história e das críticas pós-coloniais e pós-modernas: mudança e permanência; local e global; particular e universal. No percurso e nas conversas, fiquei com a impressão de que as mudanças em Kiriwina estão ocorrendo de modo pouco perceptível à primeira vista, em comparação com as descrições de Malinowski até os dias de hoje, passando por Weiner e todos aqueles outros pesquisadores que citei mais acima. A realidade trobriandesa obviamente não é estática, mas as permanências (negociadas, certamente), em relação aos relatos etnográficos, saltam aos olhos e chamam a atenção. Como a mudança e a permanência se relacionam e são negociadas localmente e globalmente nesse contexto?

Tokula começou falando da importância do uso das folhas e da madeira de pandanus nas casas, mais resistentes que as palmeiras comuns, mas também para a fabricação de roupas e pequeno mobiliário trançado; a fruta é usada para saciar a sede<sup>27</sup>. Quando terminou de falar do pandanus, eis que apareceram três mulheres na estrada com maços de folhas de pandanus na cabeça e, estampado nos rostos, sorrisos amarelos de mascar a fruta da mesma árvore. Uma permanência negociada. O tema que se seguiu, chefatura, mostra a mudança. Tokula, após se despedir das mulheres com os maços de pandanus, disse-me que havia um costume ritual muito comum na ilha, durante o qual as relações sexuais eram liberadas durante a noite<sup>28</sup>. O “*paramount chief*” sugeriu que se proibisse esse costume depois que agentes de saúde e desenvolvimento, juntamente com a administração local, perceberam que estavam surgindo casos de infecção por HIV na ilha e que esse costume poderia propiciar a propagação do vírus. Contou, rindo, que em uma certa ocasião chegou uma provisão de preservativos que seriam distribuídos numa dessas festas, mas que no momento da distribuição as pessoas acabaram transformando grande parte dos preservativos em balões. A mudança negociada.

Mais adiante, chegamos a Kaibola, no extremo norte da ilha. Dizem que aí se encontra a praia mais bonita da ilha. Realmente, a típica praia dos sonhos do turismo ocidental: uma pequena aldeia com uma praça central à beira mar, palmeiras e coqueiros, areia branca, mar transparente de águas cristalinas cheias de peixinhos coloridos. Ao fundo, o conjunto de ilhas de Tuma, onde moram os espíritos. Tokula confirmou o que Malinowski já dizia: Tuma é o lugar para onde acreditam que vão as almas após a morte. Fui dar uma volta pela praia para além da aldeia. Passei por um grupo de pescadores que cozinhavam e comiam peixe sob a sombra de umas árvores, depois por um senhor que saía do mar, de cuecas, com um arpão numa mão e, na outra, uma enorme tartaruga, e por várias crianças que brincavam na areia até chegar a uma cabana onde um grupo de homens jovens e adultos estavam reunidos em torno de uma fogueira, algumas canoas e muitos cocos. Eles me avistaram e me chamaram para junto deles. Com certo receio, tive que me aproximar. Um deles, muito sorridente, fez-me uma série de

**27** Há mais de 750 espécies de pandanus pelo mundo afora.

**28** Malinowski já dizia que “A vida sexual desses nativos caracteriza-se pela extrema liberdade” (1976: 45). E mais adiante, acrescenta: “Antes que isso aconteça [*Malinowski fala do casamento*], entretanto, as jovens solteiras são livres para fazer o que quiserem. (...) Há um outro tipo, bastante notável, de ritual licencioso em que, com efeito, as mulheres abertamente tomam as iniciativas” (1976: 55).



**Figura 11**

Kaibola, Kiriwina,  
Papua Nova Guiné.



**Figura 12**

Kaibola, Kiriwina,  
Papua Nova Guiné.

perguntas, ofereceu-me um coco e me convidou para sentar. Apareceram mais duas dezenas de outros homens. Ao terminar de tomar a água, eles abriram o coco e me ofereceram a carne. Eles estavam retirando cocos para serem ofertados aos convidados de uma cerimônia funerária que ia ocorrer na quinta-feira seguinte (estávamos numa terça-feira) em homenagem a uma anciã da comunidade que havia morrido na semana anterior. Fui convidado para a cerimônia, mas não poderia ir.



Figura 13

Kaibola, Kiriwina, Papua Nova Guiné.

Com algumas poucas horas de diferença, eu estava presenciando uma série de atividades preparatórias de rituais, como a coleta de pandanus pelas mulheres, a oferenda de inhame ao chefe e, agora, os preparativos masculinos de um funeral feminino – e isso tudo, 99 anos depois da presença de Malinowski, *aparentemente* tal qual ele mesmo havia observado.

Era a realidade *atual* das Ilhas Trobriand se impondo a mim, não mais os textos dos antropólogos tornados “clássicos”. Era isso o que eu sentia quando atravessava uma aldeia, quando era perseguido por crianças sorridentes pela estrada, quando via

Figura 14

Mercado de Losuia, Losuia, Kiriwina, Papua Nova Guiné – Tokula comprando noz de areca.



os “jardins” e as pessoas neles trabalhando, homens e mulheres colhendo inhames, taros e bananas ou quando cheguei à aldeia do “*paramount chief*”. Antes de partir de Kaibola em direção à aldeia de Omarakana, onde reside o grande chefe, Tokula propôs uma parada em Losuia para a compra dos presentes que íamos levar: noz de areca e produtos (semi)industrializados, tais como óleo de cozinha, arroz, fósforo, doce enlatado, atum enlatado e cigarros.

No passado, a casa do “*chief*” tinha que ser a maior da ilha, a única que podia ter dois andares. Era ele quem comandava os trabalhos agrícolas e religiosos ou espirituais, servia de mediador em casos de conflitos e redistribuía os excedentes da produção. Tokula e Stanley me explicaram que atualmente o chefe já não tem mais a primeira função<sup>29</sup>. Ambos exaltaram a sua generosidade: o bom chefe é aquele que recebe presentes e os redistribui, de acordo com as necessidades de cada um na ilha. No caminho de Omarakana, Tokula me alertou para um fato desagradável que tem sido comentado na ilha: o sucessor do chefe será seu irmão, já que não tem e não terá sobrinhos; mas o filho mais velho, que estudou no “continente”, reivindica o direito ao cargo. Novos tempos... A casa do chefe é moderna, dois andares, com um espaço público aberto no térreo e os cômodos privados no andar superior. Não vi outras casas de dois andares na ilha, com exceção do “*lodge*” e de uma casa em Losuia (onde mora a representante da Airlines PNG). Quando chegamos, havia umas cinco crianças no espaço aberto onde o chefe recebe os convidados, sendo uma delas deficiente física. A esposa mais velha do chefe nos recebeu assim que saímos do carro e nos direcionou a uma esteira que ela estendeu em frente à cadeira onde se senta o chefe para receber seus convidados.

**29** Malinowski informou que “Nas Ilhas Trobriand, a posição de chefe combina em si duas instituições: primeiro, a da liderança ou autoridade da aldeia; segundo, a da chefia dos clãs totêmicos, ou seja, a divisão da comunidade em classes ou castas, cada uma delas com certa posição social hierárquica mais ou menos bem definida” (1976: 61). E acrescenta, mais adiante, sobre o poder do chefe: “(...) o poder não só implica na possibilidade de premiar, mas também de punir. Nas Ilhas Trobriand o castigo é, em geral, aplicado indiretamente, através da feitiçaria. O chefe tem sempre a seu dispor os melhores feiticeiros do distrito, aos quais ele obviamente também tem de recompensar quando lhe prestam algum serviço” (1976: 63).



**Figura 15**  
*Paramount chief*, *mwalis* e *soulavas*, Omarakana, Kiriwina, Papua Nova Guiné.

O chefe chegou com um sorriso vermelho de noz de areca, eu o cumprimentei e entreguei as duas sacolas com os presentes. Copiei os gestos de Tokula e Stanley e me sentei descalço sobre a esteira com as pernas cruzadas. Tokula iniciou a conversa em kilivila. O chefe não falou diretamente comigo, somente com Tokula, sempre em kilivila. Ele fala inglês, assim como os demais moradores de Kiriwina, mas preferiu falar com Tokula em kilivila e Tokula traduzia para o inglês para mim. Entendi quando Tokula disse que eu era antropólogo e que “estava seguindo os passos de Malinowski”. Quando disse que eu era brasileiro, o chefe e alguns rapazes que se encontravam no local, todos ao mesmo tempo, começaram a falar de futebol. Nesse momento, o chefe chamou seu filho mais velho e pediu que me acompanhasse até o memorial em homenagem a Malinowski e fizesse um *tour* pela aldeia para me mostrar as “yam houses”.

O filho mais velho do chefe e eu, acompanhados por uma dezena de crianças e jovens, fomos visitar a aldeia. Ele me contou que os celeiros de inhames do chefe devem ser sempre os maiores e mais decorados da ilha. Ele me contou ainda que as pessoas geralmente visitam o chefe para pedir ajuda espiritual e... chuva! Visitamos os celeiros de inhames das esposas do chefe – o rapaz disse que o chefe é o único morador de Kiriwina que pode ter mais de uma esposa em razão de ser o único que oficialmente teria condições de manter mais de uma. Seu pai tem quatro esposas, sendo que somente duas moram com ele, as outras duas “ainda não estariam preparadas”. O celeiro de inhames principal é ricamente decorado, esculpido e pintado nas cores branca, preta e vermelha – não vi nada na ilha pintado de outras cores além dessas e amarelo. O rapaz me informou que somente o chefe pode ter seis conchas de um certo tipo à frente de seu celeiro de inhames. Tokula já tinha me dito e o rapaz confirmou que no passado todas as construções da ilha tinham que ter a autorização do chefe, mas o chefe atual estaria introduzindo mudanças, tais como



Figura 16

Celeiro de inhames do “paramount chief”, Omarakana, Kiriwina, Papua Nova Guiné.

a possibilidade de que outras casas fossem maiores que a sua própria. O rapaz me mostrou o maior inhame em exposição na aldeia, todo enfeitado com fitas coloridas<sup>30</sup>. Paramos um pouco em frente ao memorial em homenagem a Malinowski, uma placa situada bem em frente à casa do chefe. Nela se lê: “Notability scientist, / the son of the / polish nation / founder of the / modern social / anthropology / friend of Trobriand / islands peoples / and the popularizer / of their culture”<sup>31</sup>. Aquele que “sagrou” as Ilhas Trobriand e a cultura local... De um lado, o texto em inglês. Do outro, em polonês. A placa foi oferecida pela Universidade de Stettin (Szczecin, em polonês).

Com a publicação de *Os Argonautas do Pacífico Ocidental*, Malinowski tornava as Ilhas Trobriand conhecidas no mundo letrado inteiro. Mas, para que é que as pessoas precisavam saber da existência dessas ilhas? Ora, para adquirir a consciência de que as sociedades organizam e dão sentido a sua existência de maneira diversificada pelo mundo afora e que todas essas maneiras tornam os seres humanos, *humanos*: os humanos se organizam e significam suas ações e o mundo a sua volta. Logo, as pessoas, embora tão diferentes em suas culturas, são todas iguais em sua humanidade. Malinowski poderia não ter escrito sobre o *kula* e seus sujeitos, os nativos das Ilhas Trobriand, mas qualquer que fosse a sociedade escolhida por ele, os resultados e a problemática *in fine* seriam sempre os mesmos: do particular ao universal.

De volta à casa do chefe, dei-me conta de que, atrás dele havia *mwalis* e *soulavas* pendurados na parede, os famosos artefatos feitos de conchas que dão a dinâmica ao *kula*, às dádivas e contra-dádivas, prestações e contra-prestações desse tão particular sistema de trocas imortalizado por Malinowski. Pedi que o chefe falasse um pouco daqueles artefatos e ele ficou surpreso diante de meu conhecimento sobre o *kula*. Ali estavam os famosos artefatos que, expostos de maneira ostentatória e pujante, referendavam o poder do chefe.



**Figura 17**  
O filho mais velho do “paramount chief” e o antropólogo/turista, Omarakana, Kiriwina, Papua Nova Guiné—vê-se, atrás, a casa do “paramount chief”.



**Figura 18**  
Memorial Malinowski, Omarakana, Kiriwina, Papua Nova Guiné.

**30** Nesse momento, eu me lembrei de uma passagem de *Os Argonautas*... “Em breve estaremos sentados numa das plataformas construídas em frente dos celeiros de inhame, à sombra da projeção do telhado. Os troncos roliços e gastos pelo contato de pés descalços e corpos nus, o chão pisado da rua da aldeia, a pele marrom dos nativos, que imediatamente se reúnem em grandes grupos ao redor dos visitantes, tudo isso forma um esquema de cor cinza e bronze, inesquecível a qualquer pessoa que, como eu, viveu em meio a essa gente” (Malinowski, 1976: 54).

**31** Nossa tradução do inglês: “Cientista notável [há um erro no texto em inglês], / filho da / nação polonesa / fundador da

Depois da visita ao chefe, seguimos em direção ao litoral passando por diversas aldeias – Omarakana fica no interior da porção norte da ilha. Nota-se que a ilha é realmente muito habitada, pois nunca se passa mais de um ou dois quilômetros sem que haja uma aldeia e sempre há gente vindo ou indo para seus “jardins” ou para a “station” ao longo da estrada. Conversei com Tokula e Stanley sobre o turismo na ilha e, particularmente, sobre uma postagem que eu havia visto no site de viagens Tripadvisor de um casal de australianos que teve alguns pertences pessoais roubados no outro “lodge” da ilha, de propriedade de um australiano. Tokula me disse que tomou conhecimento do assunto e que era por isso que o “lodge” estava fechando as portas. Coincidentemente, nesse momen-

---

/ moderna antropologia social  
/ amigo / dos povos das Ilhas  
Trobriand / e popularizador / de  
sua cultura”.



**Figura 19**  
Celeiro de inhames de uma das  
esposas do “paramount chief”,  
Omarakana, Kiriwina, Papua  
Nova Guiné.

to passamos em frente ao “*lodge*” e Tokula me apresentou ao seu proprietário, Richard. Tokula me informou que há três policiais na ilha, que praticamente não têm muito trabalho, já que os únicos conflitos existentes são geralmente relacionados ao uso das terras ou a invasões dos “jardins” durante a noite por casais assanhados em busca de tranquilidade para copular longe dos olhares curiosos, conflitos e tensões geralmente solucionados com a mediação dos chefes.

Paramos em uma aldeia para comprar peixes para o jantar. Entrei em uma das casas com Tokula enquanto um pescador limpava os peixes que íamos levar. Era a casa de uma filha de Tokula que tem seis filhos e que acabava de chegar do atendimento médico em Losuia com dois de seus filhos. Chegou também um “*doctor*”, com os lábios vermelhos de noz de areca. Muito sorridente, ele me cumprimentou e falou do filho que está terminando os estudos de medicina em Port Moresby para se dedicar ao exercício da medicina em Kiriwina, junto com ele. Se entendi bem, a filha de Tokula é casada com esse estudante de medicina. A filha mora com o grupo do pai porque o costume de residência é patrilocal. Lembrei-me do fato de que Malinowski e Weiner falavam das tensões oriundas de um sistema de parentesco em que a descendência é matrilinear, mas a residência é patrilocal.

Fui conversar um pouco com Stanley, que observava um pescador fazendo reparos em uma canoa junto com seu filho de uns quatro anos de idade que o imitava em todos os seus gestos. Stanley me contou um pouco de sua vida. Ele é originário de Alotau, mas se casou com uma nativa de Kiriwina e preferiu morar na ilha. Ele deve ter menos de 30 anos de idade e é pai de quatro filhos. Stanley se mostrou preocupado com o futuro de Kiriwina, caso a ilha comece a receber com frequência os tão anunciados navios de cruzeiro australianos. Ele me contou que as crianças na ilha são alfabetizadas em inglês. As crianças assistem aos canais de televisão australianos nas escolas e têm dificuldade em fixar o aprendizado do inglês porque o sotaque papuásio é diferente do australiano – acho que ele se referia não ao sotaque, mas ao “pidgin”, a língua nacional da Nova Guiné. Nesse momento, a escola que se encontra na praça da aldeia liberou as crianças para o almoço e todas vieram em minha direção para me cumprimentar com ruidosos “*good afternoons*”, enormes sorrisos e pedidos de fotos.

Eu disse para Stanley que falamos português e que o aprendizado do inglês no Brasil é bastante limitado. Ele disse: “que sorte temos, então, de falar uma língua universal!”. Percebi, conversando com pessoas mais jovens, como Stanley, o grande valor que é dado ao conhecimento do mundo e a questões de cunho mais universal, ao mesmo tempo em que se preza pela preservação dos costumes e práticas que eles consideram como tradicionais. Enquanto os jovens trocam informações, em inglês ou “pidgin”, sobre o mundo exterior, os mais velhos contam histórias e “estórias” passadas e compartilham experiências e ensinamentos. O universal e o particular em interação.

De lá, passando por inúmeras aldeias com suas “*yam houses*” bem decoradas no meio da praça principal, túmulos delicadamente enfeitados com flores e folhas, abrigos com o tambor de chamado coletivo, “jardins” bem cuidados, chegamos a um local que é considerado como um importante ponto turístico da ilha, onde se encontram alguns “*stone temples*”. Trata-se de um curioso sítio arqueológico composto por um conjunto de monumentos megalíticos que parecem formar paredes de uma construção maior. Como Kiriwina é uma ilha coralínea típica, não há pedras vulcânicas, como aqueles megalitos. Essas pedras teriam sido trazidas de outro lugar. Tokula diz que a origem é polinésia, já que entre os séculos XII e XVI teria havido um intenso tráfego de polinésios pela região, como eu já tinha visto no Museu em Port Moresby. Depois, a caminho do “*lodge*”, passamos pela aldeia onde mora Tonunga, o antropólogo espanhol Sérgio J. de la Torre. Uma moça que lavava as roupas de Tonunga nos informou que ele tinha ido a uma ilha próxima, acho que Kitava. Ela também disse que ele já sabia que um antropólogo brasileiro estava fazendo turismo em Kiriwina. As notícias se alastram rapidamente nessa ilha!

**Figura 20**  
Kiriwina, Papua Nova Guiné.



Nesse dia, de volta ao “*lodge*”, mal cheguei e já saí a pé em direção a Losuia para ver o pôr-do-sol por lá. Losuia é um aglomerado disforme, porém bonito, de casas bem construídas, quase todas de madeira, sempre com uma casinha menor ao lado – parece que se trata da cozinha, como nas aldeias. O aglomerado não cresceu em volta de uma igreja ou de uma praça, nem de um mercado ou do cais do porto, mas de um campo de futebol e de críquete! Fui ao mercado e lá estavam os vendedores de “*betel nut*”. Ao lado do mercado, viam-se o cais do porto e muitos casais de namorados apreciando o cair do dia. Fui também ao mercado onde é comercializada especificamente a noz de areca junto com um rapaz que me disse que tinha acabado de chegar um carregamento enorme de uma outra ilha. Um grande amontoado de pessoas se apressava para comprar seus kits de mascar por um preço que variava de 30 a 35 kinas por quilo (mais ou menos 30 a 35 reais). De lá, o rapaz me acompanhou pela estrada em direção ao “*lodge*”.

Ele me disse que era casado, tinha seis filhos, morava numa aldeia próxima ao “*lodge*” e era escultor. Ele contou que trocava os objetos esculpidos por peixe no mercado da “*station*”. Tem um pedaço de terra onde planta verduras, batata doce, taro e, claro, inhame. Ele logo percebeu que eu estava interessado nos “*customs*”, pois fiz diversas perguntas sobre seu modo de vida. Ele revelou que o chefe de sua aldeia não era tão generoso quanto o “*paramount chief*”. Também disse que precisava de dinheiro para comprar peixe, pois sua aldeia não está no litoral, por isso faz esculturas. Perguntei se era fácil vender as esculturas ou trocá-las por peixe. Ele respondeu que era mais fácil vendê-las que trocá-las, pois as pessoas na ilha estão preferindo o dinheiro para colocar em contas bancárias (daí a função da agente do Bank of South Pacific na ilha, Rita). Ele sugeriu que eu o acompanhasse até sua aldeia para conhecer o ancião local, que poderia me contar “*all about our customs*”. Ao chegar na aldeia, o ancião estava esculpindo uma canoa para um aldeão do litoral. Passei uns dez minutos ouvindo-o falar do *kula* e das festas locais. Foi um momento mágico.

No caminho para o “*lodge*”, diversas crianças me acompanharam. Seus nomes são sempre John, Bob, Peter ou coisa parecida. Um deles me perguntou, depois do meu nome, o meu “*village name*”. Fiquei sem saber muito bem o que dizer, pois não usamos muito o nome da aldeia para nos identificar no Brasil urbano – acho que ele queria saber minha nacionalidade ou me localizar socialmente. A partir daí, toda vez que eu conhecia alguém, sempre perguntava o nome e o “*village name*” e, em resposta, eu dizia que era “*Fabiano from Brazil*”.

No meu último dia em Kiriwina, conversei com tantas pessoas e acumulei tantas informações que parece que essas algumas horas duraram dias. No caminho para o aeroporto, Tokula passou em Losuia para pegar os funcionários da Airlines PNG, dentre os quais a “*boss*”, Ruth. Ela me cumprimentou com um sorriso enorme e logo se apressou para contar que era originária de Alotau, mas

que seu pai a havia trazido para morar em Kiriwina quando ainda era criança. Ao chegar na casinha que faz as vezes de aeroporto, ela abriu a única sala, cheia de encomendas que seriam despachadas para Port Moresby e perguntou se eu queria me sentar. Anotou meus dados em um livro desses de páginas coloridas com papel carbono entre as páginas e me deu uma via do formulário: esse era meu recibo, espécie de cartão de embarque. Depois, ela me disse: “Ah!! Então, você é Fabiano, o brasileiro que está visitando a ilha! Na van, não associei você ao brasileiro. Já tinham me falado de você. Gostou do passeio?”. Muita gente já sabia de mim na ilha, pois não há muitos *dimdim* por ali. Como ainda faltava duas horas e meia para a saída de meu voo, fui dar uma volta no entorno.

Pessoas vinham de todos os lados, muitas pessoas. Elas chegavam, pegavam uma folha de bananeira, colocavam no chão e se sentavam, expondo os produtos que iam vender – “*betel nuts*”, inevitavelmente –, como se estivessem num mercado a céu aberto. Ao lado do aeroporto, um galpão sem paredes e com inúmeras tomadas elétricas ligadas a um gerador servia de local onde as pessoas carregavam seus aparelhos de telefone celular: como não há eletricidade em praticamente nenhum local da ilha, ali era o único ponto onde se podia carregar baterias em geral. Algumas pessoas vendiam celulares e carregadores. Uma antena ao lado indicava que ali era um dos poucos locais na ilha onde os telefones tinham cobertura. O aeroporto era decididamente um ponto de encontro importante na ilha, pois a quantidade de pessoas não parava de aumentar. Acho que eu era o centro das atenções e todos pareciam querer conversar comigo – recebi “*good mornings*” de todos.

Sentei-me à sombra e um rapaz veio conversar comigo. Depois do assunto sobre futebol, óbvio, eu enchi o rapaz de perguntas sobre “*customs*”. Ele explicou todo o funcionamento do sistema matrilinear da maneira como está em uso nos dias de hoje na ilha, com algumas omissões. Entendi que as omissões se deviam ao fato de ele ser evangélico pentecostal. Ele disse que o “*paramount chief*” já não tem, nos dias de hoje, o poder espiritual que tinha no passado e que “essas coisas de crenças em espíritos, é idiotice”. Para ele, as famílias trobriandesas não têm muito a oferecer aos seus filhos, já que não haveria nada nas ilhas além de “jardins”, e o povo das Ilhas Trobriand não tem muito a oferecer ao mundo, por isso ele acredita que é importante investir na educação dos filhos para que eles cresçam sabendo o máximo sobre o mundo em que vivem. Depois, falou de Malinowski, de Weiner e de Tonunga. Para ele, os antropólogos ensinaram e ainda ensinam muita coisa aos trobriandeses, em particular coisas sobre seus próprios hábitos e costumes passados, fazendo com que os ilhéus reflitam sobre suas práticas cotidianas atuais e a necessidade de preservá-las. Segundo ele, enquanto os antropólogos só querem saber como eles vivem, os missionários católicos querem saber como eles vivem para mudar a vida

deles. Será que os antropólogos também não acabam mudando a vida dos seus “povos” ao longo do “*fieldwork*”? Entendi o que ele queria dizer com a comparação entre antropólogos e missionários, mas o que me chamou a atenção foi o fato de ele acreditar que a missão católica acabava por introduzir mudanças perigosas, enquanto as missões evangélicas, como a que o catequizou, não teriam o mesmo teor. Caminhamos juntos em direção ao aeroporto. Lá estavam algumas freiras da missão católica reunidas. Ele me apresentou a essas freiras porque uma delas seria brasileira.

Eram três freiras, todas com roupas comuns, saias e camisetas de propaganda, mas o véu típico – era para driblar a força do sol, segundo elas. A brasileira se chamava Rosângela, me beijou carinhosamente no rosto e disse que era originária do interior do Pará, mais precisamente das ilhas paraenses que ficam em frente ao Amapá. Uma das outras freiras, muito falante, Valentina, era italiana e a terceira, indiana. Com elas havia uma moça nativa e um rapaz a quem elas chamavam de “irmão”. Depois descobri que esse rapaz seria ordenado padre em breve, o primeiro padre nativo das Ilhas Trobriand.

Missionárias do Sagrado Coração, Rosângela e Valentina estão em sua primeira missão no exterior, a primeira completando três anos e a segunda, sete anos em Kiriwina. Valentina disse que já tinha me visto andando pela ilha – provavelmente no dia em que cheguei à ilha, quando passei pela missão católica. Depois, perguntando em Losuia, soube que o *dimdim* era brasileiro. Ela disse que todos na ilha sabem da chegada dos *dimdim* e que um dos grandes passatempos locais é a ida ao aeroporto em dias de voos para ver quem está chegando e quem está viajando, por isso havia tanta gente em volta do aeroporto. Enquanto conversávamos, chegou o padre, o mesmo que rezava a missa quando passei pela missão. Eu me apresentei em espanhol e ele logo abriu um sorriso enorme. Não me contive e aproveitei a ocasião para perguntar a eles como faziam para explicar as noções de céu e inferno num lugar tão paradisíaco. Eles riram e o padre respondeu dizendo que os trobriandeses têm plena consciência de que vivem no paraíso e não querem, de jeito nenhum, ir para a “*mainland*” de Nova Guiné, por eles considerada como o inferno. Valentina acrescentou que os trobriandeses, quando saem de Kiriwina por alguma razão, logo se apressam para voltar porque sabem que têm uma “cultura permissiva”, segundo ela, e bem pacífica, quando comparada às culturas da “*mainland*” e do exterior. Acrescentou ainda que, quando esses trobriandeses voltam a Kiriwina, têm que se colocar na mesma posição que ocupavam antes de sair e viver como viviam antes, pois não é aceitável que alguém tenha mais do que os outros e ostente aquilo que ninguém mais pode ter. Ela citou o exemplo de Tokula: disse que se ele tem carro, ele tem que oferecer ajuda às pessoas que possam vir a precisar de seu carro em algum momento. Enfim, Valentina contou que não há concorrência e com-

petição entre os trobriandeses; por isso, nas turmas para as quais ela dá aulas, não pode elogiar um aluno e deixar de elogiar um outro, caso contrário estaria instaurando motivos para a competição entre os alunos. Ao falar dos antropólogos que passaram pelas Ilhas Trobriand, Valentina disse que conhecia alguns trabalhos escritos por eles, mas que achava uma pena que eles não dessem mais ênfase para a religião, nem fizessem trabalhos de comparação entre religiões. Tive que me despedir das missionárias para embarcar.

O padre estava viajando para Alotau para se encontrar como novo bispo local. Viajei ao lado do padre para continuar a conversa. Durante os 35 minutos de duração do voo, muitas informações interessantes me foram confiadas. O padre falou dos processos em andamento que investigam casos de abuso sexual de fiéis por parte de padres nas ilhas da região. Falou também daquele que ele considera ser o maior problema das missões católicas na região: em algumas aldeias, o chefe também detém o poder espiritual e vê a Igreja como ameaça; então, o chefe incentivaria conflitos para desmotivar o trabalho da Igreja. Contou algumas histórias sobre a maneira como os chefes exercem seus poderes e sobre as mudanças que estão em andamento. Enfim, falou ainda da Unity Church<sup>32</sup>, talvez a igreja evangélica mais atuante na região, e da maneira como as missões dessa igreja agem desconsiderando totalmente os costumes locais.

Citou um exemplo instigante: um time de futebol local com maioria de jogadores católicos estava se preparando para uma partida da etapa semifinal do campeonato da ilha quando um dos jogadores revelou que soube que um jogador do time adversário estava fazendo “*magic*” para ganhar a partida. Os jogadores foram até o padre – que adora futebol – e pediram que ele passasse água benta nos pés dos jogadores para fazer face à magia dos adversários. O padre disse que não era preciso, que bastava que eles acreditassem na vitória. Mas o time se saiu mal no primeiro tempo do jogo. Os jogadores apelaram para a água benta do padre, novamente. O padre resolveu autorizar o uso da água e o time ganhou a partida. O jogador que pediu a água benta era precisamente aquele rapaz que estava com as freiras e que seria ordenado padre em breve. O padre disse que os missionários da Unity Church nem sequer permitem que os evangelizados joguem futebol. Malinowski já comentava que “(...) todas as coisas que vitalmente afetam o nativo estão de um modo ou de outro associadas à magia” (Malinowski, 1976: 69). Duas noites mais tarde, no hotel em Port Moresby, eu vi uma reportagem na televisão sobre uma lei que estava sendo aprovada contra as práticas de “*sorcery*”, no que me pareceu ser uma estranha tentativa de “civilizar” o país (uma forma de colonialismo interno, no sentido atribuído por Quijano, 2005). Mudanças e permanências se apresentam, na verdade, como movimentos de um mesmo processo.

**32** Trata-se de uma igreja norte-americana criada no final do século XIX em Kansas City.

## PERSPECTIVAS

Como turista e antropólogo, essa viagem me proporcionou importantes momentos de reflexão sobre os textos que os antropólogos haviam produzido sobre a região, seus livros, artigos e diários que tornaram as Ilhas Trobriand um “lugar sagrado”, e sobre o que os trobriandeses dos dias de hoje dizem para um turista brasileiro sobre a atuação desses antropólogos que por lá passaram. Talvez tenha sido um esboço de uma certa antropologia dos antropólogos quando se tornam “outros” dos seus “outros”.

Assim, eu pude construir uma imagem – embora talvez um pouco apaixonada e condescendente, apresentada aqui em forma de diário de viagem – sobre a relação entre os antropólogos e os trobriandeses e sobre a consequente manutenção do “lugar sagrado” *através, para além e/ou apesar* dos deslocamentos culturais, das transformações sociais, das mudanças econômicas e políticas e dos fluxos e refluxos estruturais ou contingentes das novas conjunturas contemporâneas em tempos de críticas pós-colonial e pós-moderna. Como observou Weiner:

*Nem o dinheiro ocidental, a educação, a religião, nem a lei romperam com a constância e a atenção dadas ao cultivo de inhame, à produção de bens femininos, às atividades do kula. Estes permanecem sendo os principais atos através dos quais os trobriandeses continuam a definir a si mesmos e a definir suas relações com os outros. Constituem a urdidura da vida trobriandesa, sua força e sua resiliência. A mudança está sendo tecida através dessa urdidura, oriunda de demandas internas e externas, de nativos e europeus, e em nome de Deus, da Pátria, do Dinheiro e da Independência, é a mudança que os trobriandeses remodelam continuamente à sua própria imagem. (...) Com zelo magistral, os trobriandeses manifestam quem eles são através do que eles intercambiam, tornando-se assim especialistas em transformar em Trobriand style o que quer que difículte ou invada o seu jeito de ser.*<sup>33</sup> (Weiner, 1988: 167)

Este artigo poderia terminar por aqui, reproduzindo a análise acima com a qual Weiner concluiu seu livro de 1988, *The Trobrianders of Papua New Guinea*, já que minhas observações *in locu* – feitas por um turista antropólogo –, 25 anos depois, se assemelham às da autora. No entanto, sua conclusão deixou-me com a mesma pergunta que me persegue desde que pisei pela primeira vez o solo coralíneo de Kiriwina: qual o lugar ou papel dos antropólogos que passaram pelas Ilhas Trobriand na urdidura que as mudanças estão tecendo? Assim como na obra de Malinowski, Weiner também não aparece como agente privilegiada das mudanças em andamento nas Ilhas Trobriand, como se nem ela, nem os outros

**33** Nossa tradução do inglês: “(...) Yet neither Western money, education, religion, nor law has uprooted the constancy and attention given to yam cultivation, the production of women's wealth, and kula activities. These remain the principle acts through which Trobrianders continue to define themselves and their relationships with others. They constitute the warp of Trobriand life, its strength and resiliency. Across this warp, change has been woven in; but in coming from internal and external demands, from nationals and Europeans, and in the name of God, Country, Cash, and Independence, it is change that Trobrianders continually refashion in their own image. (...) With masterful zeal, Trobrianders make manifest who they are through what they Exchange, thus making them expert at transforming into their own Trobriand style whatever encumbers or encroaches on their resolute sense of self”.

antropólogos, tivessem contribuído para as transformações observadas. Os relatos que coletei informalmente, cuja síntese apresentei acima, trazem elementos para se refletir sobre a maneira como alguns trobriandeses convivem nos dias de hoje com as imagens e as representações produzidas pelos pesquisadores – e pelos turistas – que por lá passaram, como tiram proveito da experiência etnográfica e como levam suas vidas num mundo em constante turbulência.

Talvez seja o caso de a antropologia levar mais a sério e incentivar os estudos que tragam reflexões sobre as relações entre os pesquisadores e seus interlocutores no sentido das modalidades da colaboração entre as partes envolvidas no processo que produz a experiência etnográfica. Mais que uma coleção de teorizações, métodos e práticas sobre parcerias e projetos conjuntos, as antropologias ou etnografias colaborativas e reflexivas são uma proposta de abolição das fronteiras entre pesquisadores *com teorias científicas* e interlocutores *com teorias nativas* (Lassiter, 2005; Rappaport, 2008) para que, então, seja possível dar ênfase – ou construir coletivamente a tal ênfase – à polifonia dos discursos, dos saberes e dos fazeres e assim minimizar as decorrências da discrepância entre o “estar lá” e o “estar aqui” (Geertz, 2002)<sup>34</sup>. Ser turista *com preocupações* antropológicas parece ter sido uma boa forma (ainda que um pouco precária, para mim) de iniciar alguma discussão sobre a colaboração e a reflexividade em campos pesquisados por outros antropólogos e os efeitos da sacração desses lugares.

**34** A discussão sobre colaboração e reflexividade em antropologia não é realmente nova na América Latina, nem no Brasil, devido às particularidades da formação do campo disciplinar por essas bandas. Sobre esse assunto, são sempre atuais os textos de Roberto Cardoso de Oliveira sobre as antropologias periféricas (Cardoso de Oliveira, 1999-2000) e de Alcida Rita Ramos sobre a produção de etnografias no Brasil e a responsabilidade social dos etnógrafos (Ramos, 1990), além, claro, de toda a produção sobre decolonialidade na América Latina.

---

**Fabiano Contijo** é Professor Associado do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Pará (UFPA) e Professor Colaborador do quadro docente do Programa de Pós-Graduação em Antropologia (ex-Antropologia e Arqueologia) da UFPI.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BICKLER, Simon H.

1998 *Eating Stone and Dying: Archaeological Survey on Woodlark Island, Milne Bay Province, Papua New Guinea*. Tese, University of Virginia.

BURENHUL, Göran

2002 *The Archaeology of the Trobriand Islands, Milne Bay Province, Papua New Guinea*. Oxford, Archaeopress.

CAMPBELL, Shirley

1984 *The Art of Kula*. Tese, Australian National University.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto

1999-2000 “Peripheral Anthropologies ‘versus’ Central Anthropologies”.  
*Journal of Latin American Anthropology*, vol. 4, n. 2 e vol. 5, n. 1: 10-31.

CASTAÑEDA, Quetzal

2008 “The ‘Ethnographic Turn’ in Archaeology”. In *Ethnographic Archaeologies*.  
Londres, Altamira Press e Rowman & Littlefield Publishers, pp. 25-61.

CLIFFORD, James e MARCUS, Georges (orgs.)

1986 *Writing Culture*. Berkeley, University of California Press.

CLIFFORD, James

1997 *Routes: Travel and Translation in the Late Twentieth Century*. Cambridge, Harvard University Press.

COHEN, Erik

1984 “The Sociology of Tourism: Approaches, Issues and Findings”. *Annual Review of Sociology*, vol. 10: 373-392.

CRAIN, J. B., DARRAH, A. C., DIGIM’RINA, L. S.

2003 “Trobriand”. In EMBER, C. R. e EMBER, M. (orgs.). *Encyclopedia of Medical Anthropology: Health and Illness in the World’s Cultures*. Nova York, Kluwer Academic/Plenum Publishers, pp. 990-1000.

DIGIM’RINA, Linus S.

1998 “An Updated Effect of the Dreadful Drought: The Trobriand Experience”. *APFT Briefing Note*, n. 11.

DUSSEL, Enrique

2005 “Europa, modernidade e eurocentrismo”. In LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires, CLACSO, pp. 24-32.

EVANS-PRITCHARD, Edward. E.

1978 *Os Nuer*. São Paulo, Perspectiva.

FIRTH, Raymond

1957 “Introduction”. In FIRTH, R. (org.). *Man and Culture: An Evaluation of the Work of Bronislaw Malinowski*. Londres, Routledge & Kegan Paul, pp. 1-14.

FORDE, Cyril. D.

1966 *Hábitat, economía y sociedad*. Barcelona, Oikos-Tau.

FORTUNE, Reo F.

1932 *Sorcerers of Dobu*. Londres, Routledge & Kegan Paul.

GEERTZ, Clifford

2001 *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro, Zahar.

2002 *Obras e vidas*. Rio de Janeiro, EdUFRJ.

EGLOFF, Brain

1978 “The Kula Before Malinowski: A Changing Configuration”. *Mankind*, n. 11: 429-435.

KNAUFT, Bruce

1999 *From Primitive to Postcolonial in Melanesia and Anthropology*. Ann Arbor, University of Michigan Press.

1993 *South Coast New Guinea Cultures*. Cambridge, Cambridge University Press.

LASSITER, Luke. E.

2005 “Collaborative Ethnography and Public Anthropology”. *Current Anthropology*, vol. 46, n. 1: 83-97.

LATOUR, Bruno

2009 *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro, Ed. 34.

LEACH, Jerry W. e LEACH, Edmund (orgs.)

1983 *The Kula: New Perspectives on Massim Exchange*. Cambridge, Cambridge University Press.

LEENHARDT, Maurice

1971 [1947] *Do Kamo: La Personne et le mythe dans le monde mélanésien*. Paris, Gallimard.

LEPANI, Katherine

- 2001 *Negotiating Open Space: The Importance of Cultural Context in HIV/Aids Communication Models – A Qualitative Study of Gender, Sexuality, and Reproduction in the Trobriand Islands of Papua New Guinea*. Dissertação, University of Queensland.

LÉVI-STRAUSS, Claude

- 1955 *Tristes tropiques*. Paris, Plon [*Tristes trópicos*. São Paulo, Editora Anhembi Limitada, 1957].

MALINOWSKI, Bronislaw

- 1976 [1923] *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo, Abril Cultural.  
1935 *Coral Gardens and Their Magic*. Londres, George Allen & Unwin Ltd.

MARCUS, Georges E.

- 1995 “Ethnography in/of the World-System: The Emergence of Multi-Sited Ethnography”. *Annual Review of Anthropology*, n. 24: 95-117.

MEAD, Margaret

- 1976 [1935] *Sexo e temperamento*. São Paulo, Perspectiva.

MONTAGUE, Susan

- 1971 “Trobriand Kinship and the Virgin Birth Controversy”. *Man*, n. 6: 353-368.  
2001 “The Trobriand Kinship Classification and Schneider’s Cultural Relativism”. In FEINBERG, R. e OTTENHEIMER, M. (orgs.). *The Cultural Analysis of Kinship: The Legacy of David M. Schneider*. Champaign, University of Illinois Press, pp. 168-186.

MURDOCK, George P.

- 1943 “Bronislaw Malinowski”. *American Anthropologist*, n. 45: 441-451.

PÖSCHL, R. e PÖSCHL, Ulrich

- 1985 “Childbirth on Kiriwina, Trobriand Islands, Milne Bay Province, Papua New Guinea”. *Papua New Guinea Medical Journal*, n. 28: 137-145.

POWELL, Harry A.

- 1968 “Correspondence: Virgin Birth”. *Man* (N.S.): 651-653.  
1969 “Genealogy, Residence and Kinship in Kiriwina”. *Man* (N.S.), n. 4: 177-202.

QUIJANO, Aníbal

- 2005 Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires, CLACSO, pp. 107-130.

RAMOS, Alcida R.

- 1990 “Ethnology Brazilian Style”. *Cultural Anthropology*, vol. 5, n. 4: 452-72.

RAPPAPORT, Roy A.

- 1984 *Pigs for the Ancestors: Ritual in the Ecology of a New Guinea People*. New Haven/Londres, Yale University Press.

RAPPAPORT, Joanne

- 2008 “Beyond Participant Observation: Collaborative Ethnography as Theoretical Innovation”. *Collaborative Anthropologies*, vol. 1: 1-31.

SAHLINS, Marshall

- 1997a “O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica”. *Mana*, vol. 3, n. 1: 41-73.  
1997b “O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica”. *Mana*, vol. 3, n. 2: 103-150.

SCODITTI, Giancarlo

- 1996 *Kitawa Oral Poetry: An Example from Melanesia* (Pacific Linguistics Series D 87). Canberra, Australian National University Department of Linguistics.

SELIGMAN, Charles G.

- 1910 *The Melanesians of British New Guinea*. Cambridge, Cambridge University Press.

SEFT, Günter

- 1986 *Kilivila: The Language of the Trobriand Islanders*. Berlin, Mouton de Gruyter.

SILVA, Fabíola, BESPALÉZ, Eduardo e STUCHI, Francisco F.

- 2011 “Arqueologia colaborativa na Amazônia: Terra indígena Kuatinemu, Rio Xingu, Pará”. *Amazônica*, vol. 3, n.1: 32-59.

SMITH, Valene L. (org.)

- 1989 *Hosts and Guests: The Anthropology of Tourism*. Filadélfia, University of Pennsylvania Press.

STOCKING Jr., George W.

2004 *A formação da antropologia americana*. Rio de Janeiro, Contraponto/EdUFRJ.

TULLY, Gemma

2007 “Community Archaeology: General Methods and Standards of Practice”. *Public Archaeology*, vol. 6, n. 3: 155-187.

WAICO, John D.

2003 *Papua New Guinea: A History of Our Times*. Oxford, Oxford University Press.

WAGNER, Roy

2010 *A invenção da cultura*. São Paulo, Cosac Naify.

WEINER, Annette B.

1976 *Women of Value, Men of Renown: New perspectives in Trobriand Exchange*. Austin, University of Texas Press.

1988 *The Trobrianders of Papua New Guinea*. Belmont, Thomson/Wadsworth.

1992 *Inalienable Possessions: The Paradox of Keeping-While-Giving*. Berkeley, University of California Press.

### **The Trobriand Islands, Anthropology, and the *Dimdim*: Some Considerations on Ethnography, Tourism, and Reflexivity in “Sacred Places”**

---

#### **ABSTRACT**

The texts published by anthropologists – books, articles, diaries – and the interpretations about this production created what is called by Annette B. Weiner anthropology’s “sacred places”, like the Trobriand Islands. However, little has been written about how people continue his life in these places after the anthropological fieldwork, nor what people think about the fieldworks that took place there creating the “sacred places”. This article presents some reflections about the relationship between doing anthropology, tourism, and reflexivity elaborated after a visit to the Trobriand Islands in 2013.

---

#### **KEYWORDS**

Anthropology,  
Tourism, Reflexivity,  
Sacred Places,  
Trobriand Islands.

---

Recebido em 7 de abril de 2016. Aceito em 26 de janeiro de 2017.